

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 345 | vol. 20 | 2022



**Mundo invisível:  
a teia vital sob os nossos pés**

Faustino Teixeira (Org.)

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 345 | vol. 20 | 2022

**Mundo invisível:  
a teia vital sob os nossos pés**

Faustino Teixeira (Org.)

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e  
professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 345 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Public Domain Pictures & Wallpapermania

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

## APRESENTAÇÃO

**E**sta edição especial dos **Cadernos IHU Ideias** trata de um tema que está cada vez mais em evidência na atualidade, envolvendo um campo multidisciplinar significativo: biologia, botânica, filosofia, antropologia, ciências sociais e literatura. O objetivo é tentar apresentar com clareza as trilhas de entrelaçamento que envolvem o humano em seu meio ambiente. Tal entrelaçamento evidencia que o ser humano não é o umbigo do mundo, mas parte de um todo interligado. É por meio desse magnífico entrelaçamento que se firma a “textura do mundo”, a “trama da vida”. No singular mundo subterrâneo, ainda tão desconhecido por nossa observação, há uma magnífica arquitetura de teias e filamentos que proporcionam uma interação fabulosa entre as raízes das árvores, conectando esse mundo subterrâneo numa fantástica rede de transações e canais de subsistência. Ali, naquele espaço, ocorrem artimanhas singulares de ressurgência e resiliência diante de um mundo ameaçado e em ruínas. O número revela-se como um convite lançado a todos para ampliar o olhar e rever a dinâmica antropocêntrica que vem marcando nossa civilização e favorecer um novo entendimento do fenômeno da alteridade, que é muito mais amplo do que imaginamos, para além do mundo humano. O curioso é constatar que tão poucos humanos captam a existência dessa cidade subterrânea, que é es-

sencial para a sobrevivência de todos. Como mostrou, com pertinência, Merlin Sheldrake, em *A trama da vida* (2021), sabemos hoje que existem “entre 2,2 milhões e 3,8 milhões de espécies de fungos – de seis a dez vezes o número de espécies de plantas –, o que significa que apenas 6% delas foram descritas até agora”. Esforçar-se para compreender esse “mundo invisível” é tarefa essencial para todos os que buscam um novo modo de habitar a Terra, para além da pegada violenta do antropoceno. A vida social humana não está separada do todo, nem ocupa lugar de destaque ou superioridade. Ela, ao contrário, faz parte intrínseca dessa teia essencial que nos nutre e nos possibilita viver com dignidade.

Faustino Teixeira (Org.)



# Tramas invisíveis de colaboração na teia vital. Artigo de Faustino Teixeira

Faustino Teixeira

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora

No dia 21 de maio de 2022, tivemos mais um encontro do Grupo de Emaús para debater a conjuntura nacional. Foram muito ricas as provocações levantadas por Pedro Assis Ribeiro de Oliveira (sociólogo) e Manfredo de Oliveira (filósofo). Os debates foram novidadeiros e provocadores.

Na semana anterior ao encontro, tinha lido um livro que me marcou profundamente: *A trama da vida – como os fungos constroem o mundo*, de Merlin Sheldrake (UBU, 2021). O autor tinha participado de forma brilhante da última Flip (2022), que aconteceu virtualmente. Assisti sua conferência e me encantei<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O autor participou na mesa 7 da FLIP 2022, no dia 30/11/2022, debatendo o tema: Micélios. (acesso em 22/05/2022).

Em tempos passados tinha lido o livro de Humberto Maturana sobre a Ontologia da Realidade, em publicação da UFMG<sup>2</sup>, e tinha me despertado para o tema da colaboração em vez da competição. Era o tema da lógica do amor no âmbito da evolução. Ao contrário da ideia comum de que vão adiante os que são mais fortes, passa a vigorar a ideia de que avançam os que melhor colaboram e se articulam. Como diz o autor, “a origem antropológica do Homo sapiens não se deu através da competição, mas sim da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea da aceitação mútua, isto é, através do amor”<sup>3</sup>. O tema ficou impresso em minhas reflexões.

Lendo agora o livro de Merlin Sheldrake, a questão retoma com um vigor inusitado. O autor trata dos fungos que estão em toda parte, e sublinha que essa questão “fornece a chave para compreender o planeta em que vivemos e a maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos”<sup>4</sup>. Ele fala desse mundo que vive “longe dos nossos olhos” e que não conseguimos ainda descrever, no caso de 90% das espécies. O autor lembra que “mais de 90% das plantas dependem de fungos micorrízicos, que conseguem ligar árvores em redes compartilhadas, chamadas de ‘internet das árvores’”<sup>5</sup>. Estamos diante de um fenômeno que envolve “quatrilhões de quilômetros de fungos micorrízicos que se enredam no solo”<sup>6</sup>.

Os fungos têm uma vitalidade impressionante,

---

2 Humberto Maturana. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

3 *Ibidem*, p. 185.

4 Merlin Sheldrake. *A trama da vida*. Como os fungos constroem o mundo. São Paulo: UBU, 2021, p. 11.

5 *Ibidem*, p. 12.

6 *Ibidem*, p. 156.

sobrevivendo nas condições mais adversas, como nos canteiros de Chernobyl. Identificou-se uma espécie que está presente em rejeitos de mineração, super-resistente à radiação, que ajuda a “limpar locais com resíduos radioativos”<sup>7</sup>. Mesmo depois da explosão do reator nuclear em Chernobyl, essa espécie poderosa vem ocupando a região.

Junto com os fungos, as micorrizas (do grego *mykes* (fungo) e *rhiza* (raiz)). Na sua maioria, eles formam redes conhecidas como hifas, que são “estruturas tubulares finas que se ramificam, se fundem e se entrelaçam formando a filigrana anárquica do micélio”<sup>8</sup>.

As estatísticas nos mostram que existem “entre 2,2 milhões e 3,8 milhões de espécies de fungos – de seis a dez vezes o número de espécies de plantas”, sendo que somente 6% deles foram descritos até agora<sup>9</sup>. É um mundo invisível impressionante.

É uma ilusão acharmos que nós humanos estamos no comando da floresta e seus habitantes. Mais do que nunca se impõe a humildade necessária. A vida dos fungos é mesmo surpreendente para nós, e dribla os nossos preconceitos. Trata-se de uma trama que quebra radicalmente nossas definições antropocêntricas e nossa percepção do que é inteligência. Esses pequenos organismos nos dão continuamente lições e nos ajudam a “repensar o significado de ‘resolução de problemas’, ‘comunicação’, ‘tomada de decisão’, ‘aprendizado’ e ‘memória’”<sup>10</sup>.

É impressionante ver o que é uma rede micelial. Já

---

7 *Ibidem*, p. 13.

8 *Ibidem*, p. 14.

9 *Ibidem*, p. 18-19.

10 *Ibidem*, p. 25.



tínhamos visto isto também com Deleuze e Guattari, quando falaram de rizomas num dos volumes de *Mil platôs*<sup>11</sup>. Como assinalam, os rizomas são constituídos de linhas com direções moveáveis. São linhas de fuga ou de desterritorialização, não tendo nem começo nem fim, mas sim um meio pelo qual crescem e transbordam<sup>12</sup>. São verdadeiros “labirintos vivos”. Vemos coisas incríveis como uma ponta se tornar duas, depois quatro, oito e assim por diante. São verdadeiras teias interligadas pelo solo, num “emaranhado de trilhas entrelaçadas”<sup>13</sup>. É nesse entrelaçamento que se firma a “textura do mundo”.

As redes de micélios estão em toda parte: “centenas de metros abaixo da superfície do oceano, ao longo dos recifes de coral, atravessando o corpo das plantas e animais vivos e mortos, em lixões, carpetes, piso de madeira, livros antigos em bibliotecas, partículas de poeira doméstica e telas de pintura de antigos mestres penduradas em museus”<sup>14</sup>.

O micélio tem um dom fugidio, sendo uma “entidade única interconectada”. É também extravagante, pois vaga “para fora ou além”. Trata-se de um corpo sem contorno, sem início ou fim. Resistente a qualquer previsão de direcionamento. É pelos micélios que os fungos se nutrem. Os fungos “digerem o mundo em que vivem e o absorvem. Suas hifas são longas e ramificadas, e com uma única célula de espessura – entre dois e vinte micrômetros de diâmetro, mais de cinco vezes

11 Gilles Deleuze & Félix Guattari. *Mil platôs*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

12 *Ibidem*, p. 43.

13 Tim Ingold. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 120; Merlin Sheldrake. **A trama da vida**, p. 192.

14 Merlin Sheldrake. **A trama da vida**, p. 56.

mais finas que um fio de cabelo humano médio”<sup>15</sup>.

O que difere os fungos dos animais é que “os animais colocam comida em seus corpos, enquanto os fungos colocam seus corpos na comida”<sup>16</sup>. Até meados do século XIX as bactérias e fungos eram classificados como plantas. Hoje já se encontram inseridos em classificação própria, conquistando a independência em meados de 1960 <sup>17</sup>.

Num mundo imprevisível, os animais enfrentam as incertezas em seus deslocamentos, na busca dos alimentos. Para “vencer” a vida, os micélios usam de estratégias impressionantes, com crescimento super oportunista. O que vemos no mundo das hifas de determinadas espécies, é um impressionante crescimento: “suas pontas precisam formar material novo à medida que avançam”<sup>18</sup>.

Os animais, plantas e fungos indicam-nos que a natureza é sobretudo um evento que nunca para. Animais e plantas “são sistemas pelos quais a matéria passa continuamente”<sup>19</sup>. No mundo dos micélios o que existe é uma “polifonia corporificada”. Cada uma das vozes é livre para vagar e “suas andanças não são separadas das demais. Não há voz principal. Não há melodia principal. Não existe um planejamento central. No entanto, uma forma emerge”<sup>20</sup>.

Quando olhamos um cogumelo, o que vemos é um esporoma, “que equivale aos frutos de uma planta”<sup>21</sup>.

---

15 *Ibidem*, p. 61.

16 *Ibidem*, p. 61.

17 *Ibidem*, p. 232.

18 *Ibidem*, p. 63.

19 *Ibidem*, p. 64.

20 *Ibidem*, p. 65.

21 *Ibidem*, p. 66.

Como os micélios, os cogumelos são feitos de hifas, que são as células dos micélios, sua “filigrana anárquica”. Elas, as hifas, “são sensíveis a estímulos e, a todo momento são confrontadas com um mundo de possibilidades. Em vez de se esticarem em linha reta a uma taxa constante, elas se dirigem para locais com perspectivas atraentes e se afastam de locais de pouco interesse”<sup>22</sup>.

Como mostra Sheldrake, “muitos tipos de organismos sem cérebro – plantas, fungos, mixomicetos – respondem a seus ambientes de forma flexível, resolvem problemas e tomam decisões entre caminhos alternativos de ação”<sup>23</sup>. Não estamos, assim, fugindo da noção latina da palavra inteligência, que significa “escolher entre”. Não há como desconsiderar um tipo específico de cognição nesta dinâmica. Estamos diante de muitos organismos “capazes de comportamentos sofisticados”<sup>24</sup>. Mesmo não tendo um cérebro ou intelecto específico, as plantas e fungos “vivem enredados e precisam desenvolver maneiras de administrar seus assuntos complexos”<sup>25</sup>.

Os micélios constituem “um dos primeiros passos conhecidos em direção à vida multicelular complexa, um emaranhado original, uma das primeiras redes vivas. Notavelmente inalterado, o micélio persiste por mais da metade dos 4 bilhões de anos de história de vida, atravessando incontáveis cataclismas e transformações globais catastróficas”<sup>26</sup>.

Alexander von Humboldt, já em 1845, pôde observar que “cada passo que damos no conhecimento

---

22 *Ibidem*, p. 68.

23 *Ibidem*, p. 78.

24 *Ibidem*, p. 25.

25 *Ibidem*, p. 153.

26 *Ibidem*, p. 80.

mais profundo da natureza” esbarramos com novos labirintos<sup>27</sup>. Daí entendermos que uma compreensão mais profunda dos micélios ainda está para ocorrer na ciência.

O mundo dos líquens é também para nós um mistério, e fornece um quadro bonito de compreensão da “colaboração entre reinos”. Eles estão “incrustados em até 8% da superfície do planeta, uma área maior do que a coberta pelas florestas tropicais”<sup>28</sup>. Eles estão por todo lado revestindo rochas, árvores, telhados, cercas, penhascos e a superfície dos desertos. Formam mundos maravilhosos, “ilhas de vida num mar de rocha”<sup>29</sup>. Eles são os intermediários “que habitam a fronteira entre a vida e a não vida”. Mostram-se também vigorosos para sobreviver no espaço. Ninguém sabe quando eles surgiram. Os fósseis mais antigos remontam a 400 milhões de anos<sup>30</sup>.

Temos a palavra holobionte para descrever o “conjunto de organismos diferentes que se comportam como uma unidade”. O termo deriva do grego holos, que diz respeito ao todo. Eles são “os líquens deste mundo”<sup>31</sup>. Não se trata de um conceito utópico, mas de algo que indica a presença de uma colaboração inaudita. Colaboração que reúne simultaneamente competição e cooperação.

Como indica Sheldrake em seu precioso livro, as algas foram as ancestrais de todas as plantas terrestres, tendo saído das águas rasas há 600 milhões de anos.

27 *Ibidem*, p. 81.

28 *Ibidem*, p. 86.

29 *Ibidem*, p. 86-87.

30 *Ibidem*, p. 99.

31 *Ibidem*, p. 105-106. Ver também: Donna Haraway. **Seguir con el problema**: generar parentesco en el Chthuluceno. Bilbao: Edición Consonni, 2020, p. 101.

As plantas, hoje, “representam 80% da massa de toda a vida na Terra e são a base das cadeias alimentares que sustentam quase todos os organismos terrestres”<sup>32</sup>.

As algas chegaram à terra e estabeleceram relações com os fungos, e tudo isso evoluiu para as “relações micorrízicas”. Temos hoje “mais de 90% das espécies vegetais” dependendo “de fungos micorrízicos”. As algas e fungos se associam e cooperam entre si<sup>33</sup>.

Alexander von Humboldt foi um dos primeiros a falar dessa “rede emaranhada”<sup>34</sup>. Vivemos num mundo de interconexões. É o que ocorre abaixo de nós, nas conexões presentes no subsolo. Existe ali uma rede maravilhosa, uma “cidade cosmopolita”<sup>35</sup>. Os organismos ali embaixo se comunicam e relacionam, compondo o “todo vivo” do mundo natural.

Curiosamente percebemos como James Cameron, com seu fabuloso filme *Avatar*, conseguiu de forma lúdica mostrar essa “rede viva e brilhante que ligava as plantas ao subsolo”. E agora, aguardamos com ansiedade a continuidade do filme, já em andamento.

Em seu livro, Sheldrake revelou um estudo, publicado em 2016, que indica que “280 quilos de carbono por hectare de floresta poderiam ser transferidos entre árvores por meio de conexões fúngicas”<sup>36</sup>. Daí a essencial importância das redes micorrízicas para a vida ecológica.

Há que estar atentos ao mundo dos fungos, junto

---

32 Merlin Sheldrake. **A trama da vida**, p. 140.

33 *Ibidem*, p. 141.

34 *Ibidem*, p. 168.

35 Anna Tsing. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019, p. 43-44.

36 Merlin Sheldrake. **A trama da vida**, p. 174.

com a atenção ao mundo dos animais e vegetais: “prestar mais atenção às plantas que aos fungos nos torna cegos aos fungos”<sup>37</sup>. Devemos estar atentos para não nos restringirmos ao fitocentrismo, embora isso seja mais óbvio, em razão da relevância das plantas para a nossa vida. Há, porém, algo mais, escondido de nossa ocular, que é também imprescindível: os fugidios fungos micorrízicos. Eles não são “cabos passivos”, mas tecem teias vitais emaranhadas. Eles “formam e reformam suas conexões com as plantas, emaranhando-se, desembaraçando-se e voltando a se emaranhar”<sup>38</sup>. Eles “driblam nossas preconcepções. Sua vida e seu comportamento são surpreendentes”<sup>39</sup>.

Em parte singular do livro, onde o autor aborda a micologia radical, percebemos esse potencial de sobrevivência e artimanha dos fungos. Eles são “sobreviventes veteranos das perturbações ecológicas. Sua capacidade de perseverar – e muitas vezes prosperar – em períodos de mudanças catastróficas é uma de suas características definidoras. Eles são criativos, flexíveis e colaborativos”<sup>40</sup>. Estão sempre em dinâmica de transformação, sustentando a rede vital. Estão dentro de nós e ao nosso redor, “decompondo rocha, fazendo solo, desestabilizando poluentes, nutrindo e matando plantas, sobrevivendo no espaço, induzindo visões, produzindo alimentos, fazendo remédios, manipulando o comportamento animal e influenciando a composição da atmosfera”<sup>41</sup>.

Assim como Eduardo Viveiros de Castro apontou-nos o caminho da sabedoria dos povos originários

37 *Ibidem*, p. 180.

38 *Ibidem*, p. 192 e 180. p. 23.

39 Anna Tsing. *Viver nas ruínas*, p. 226.

40 Merlin Sheldrake. *A trama da vida*, p. 11.

41 *Ibidem*, p. 202-203.

para que saibamos lidar com os tempos difíceis que vivemos, podemos igualmente aprender com essa capacidade incrível desse mundo invisível para apontar caminhos de sobrevivência e colaboração.

Apesar da “bagunça dos humanos”, de sua violenta “pegada” sobre a terra, há o que aprender com os fungos que sobrevivem. Eles são vencedores com suas artimanhas: “persistiram depois dos cinco principais eventos de extinção da Terra, que eliminaram entre 75% e 95% das espécies do planeta a cada vez. Alguns fungos até prosperaram durante esses episódios calamitosos”<sup>42</sup>. Sheldrake nos lembra que depois do que ocorreu em Hiroshima, “a primeira coisa viva a emergir da devastação foi um cogumelo matsutake”<sup>43</sup>.

Esse precioso livro aqui descrito traz para nós, nesses tempos difíceis, que alguns identificam como tempos derradeiros, um caminho novo e surpreendente: somos capazes de “dançar sobre escombros”, de vislumbrar brechas de vida no horizonte, se soubermos aprender com os saberes dos povos originários e com essas teias invisíveis, o caminho da artimanha e da colaboração. A natureza mostra-nos com grande beleza a possibilidade de um caminho alternativo: da solidariedade e da cooperação.

Há que levar hoje mais a sério esse aprendizado com o mundo natural e sua capacidade de resistência. Ou seja, “levar mais a sério a questão da coexistência no mundo em geral”<sup>44</sup>. Bruno Latour fala também em diplomacia, outra palavra essencial para o nosso presente sombrio.

---

42 *Ibidem*, p. 203.

43 *Ibidem*, p. 236.

44 *Ibidem*, p. 236.

Como diz Sheldrake, “hoje, o estudo das redes micorrízicas compartilhadas é um dos campos mais afetados por inclinações políticas. Alguns retratam esses sistemas como uma forma de socialismo pela qual a riqueza da floresta pode ser redistribuída”<sup>45</sup>.

A antropóloga Donna Haraway fala em saber seguir com o problema e ser capaz de gerar novos parentescos entre as espécies companheiras, para além do excepcionalismo humano<sup>46</sup>. Vivemos tempos marcados pela precariedade generalizada, pelo abuso do poder, pela destruição do campo vital. Tudo visando o lucro e a supremacia do homem-humano. Há que buscar ou captar as ressurgências em curso, como fala Anna Tsing<sup>47</sup>. Vislumbrar as “erupções de vitalidade inesperada” que emergem pelas margens da vida. Caminhos inesperados para saber viver entre as ruínas.

Acho bem interessante a pista aberta por **Donna Haraway** quando se define como uma “**compostista**” em vez de “**pós-humanista**”<sup>48</sup>. Ela insiste na sua tese, singular, da importância hoje de sabermos gerar parentes e não apenas filhos. O mundo dos vermes, como mostra Sheldrake, tem o que nos ensinar nesse campo da lida com a **decomposição**<sup>49</sup>. A criatividade passa também por esse aprendizado: saber “*mexer, misturar e dissolver uma coisa na outra*”. Isso fazem os fungos: eles fazem de tudo e também desfazem. E o mundo vai sobrevivendo assim...

---

45 *Ibidem*, p. 236.

46 Donna Haraway. **Seguir con el problema**, p. 24.

47 Anna Tsing. **Viver nas ruínas**, p. 226.

48 Donna J. Haraway. **Seguir con el problema**, p. 157.

49 Merlin Sheldrake. **A trama da vida**, p. 250.



## Faustino Teixeira



**Faustino Teixeira.** Possui graduação em Ciência das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutorado e pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1985 e 1998 – com supervisão de Jacques Dupuis).

Concluiu também o Estágio Sênior (CAPES) no Instituto Studi Ecumenici San Bernardino (Veneza) em 2016, trabalhando o tema da teologia do pluralismo religioso e a hospitalidade. Professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora. O seu campo de atuação acadêmica e de pesquisa relaciona-se aos temas de teologia do pluralismo religioso, diálogo inter-religioso, mística comparada das religiões, teologia e literatura.

# “Ser o que se é, é estar em rede, pertencer à teia”.

## Entrevista especial com José Carlos Michelazzo

José Carlos Michelazzo

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Compreender a realidade em sua totalidade é um dos esforços da filosofia ocidental, do pensamento oriental e, igualmente, das religiões. Em consonância com o desenvolvimento científico, intelectuais têm proposto compreendê-la como “uma magnífica teia cósmica”, na qual tudo que existe, humano e não humano, está interconectado. Nesse processo, a própria identidade do ser humano é reavaliada. No Ocidente, segundo o filósofo José Carlos Michelazzo, essa operação deve implicar na necessária recusa de o homem ocupar o lugar de centro epistêmico. “E isso se dá por um processo de transformação da própria identidade do homem, ou seja, ele sai do autocentramento para o descentramento. Em outras palavras, é preciso que

o homem recuse o lugar de centro epistêmico do Real, enquanto sujeito que conhece o objeto do qual está separado para se compreender como parte de um Todo”, disse.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Michelazzo exemplifica como a tentativa de compreender a totalidade do real tem sido elaborada ao longo dos séculos pela tradição oriental, a partir do pensamento de Dôgen Zenji, mestre zen-budista japonês nascido em Kyoto, e pela filosofia desenvolvida por Martin Heidegger no século XX, em contraposição ao desenvolvimento das ciências, em especial da física quântica. “Sabemos que todas as tradições, tanto ocidentais quanto orientais, que cultivam a dimensão do Numinoso, falam do caminho da *kênosis*, do esvaziamento, do desapego de nossa mente puramente humana até o seu desaparecimento para que seja preparada a sua entrega ao Absoluto”.

No Genjokoan, ensaio escrito por Dôgen, menciona: “o praticante deve deixar cair e abandonar o corpo e a mente para que seu acesso ao Absoluto (*Sunyata*) seja, de fato, realizado. Para chegar do lado de lá, portanto, é preciso se libertar das paixões do corpo e silenciar os pensamentos da mente. E, afinal, o que há de mais humano do que nosso corpo e nossa mente? Mas são justamente esses dois grandes pilares de nossa humanidade que devem ser entregues para que possamos ir para além do sonho de nossa identidade humana egóica, para que possamos despertar para Aquilo que verdadeiramente somos”.

Já na tradição filosófica ocidental, a partir do pensamento de Heidegger, frisa que “a ideia central era a

de poder pensar o ser do homem como Dasein, para além dessa supremacia do homem sobre o mundo, à maneira do caçador sobre a caça, para apreendê-lo numa relação de um comum-pertencer (*Zusammengehören*) entre as extremidades desta relação (homem/mundo), de tal forma que o primeiro (homem) não poderia ser ele mesmo sem que o segundo (mundo) fosse também ele mesmo”. Entretanto, na relação com o mundo, o homem ainda tem privilégios em relação aos demais seres. “E um desses privilégios, para Heidegger, era devido ao homem ser um ente dotado de uma abertura especial com o ser na maneira como ele se relaciona com o tempo em seus três modos temporais de passado, presente e futuro. Outro privilégio era o fato do homem ser também o único ente que é ‘formador de mundos’, enquanto os demais não teriam essa prerrogativa, uma vez que nos reinos animal e vegetal (seres sencientes) seriam ‘pobres de mundo’ e no reino material e inorgânico (seres não sencientes) seriam ‘ausentes de mundo’”, esclarece.

A entrevista a seguir foi realizada por Faustino Teixeira, teólogo, colaborador do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e do canal Paz Bem.

## CONFIRA A ENTREVISTA.

**IHU - Vivemos um momento privilegiado na reflexão filosófica, antropológica e literária em torno da temática da riqueza do “mundo invisível”, entendendo por isso a magnífica teia de vida que envolve a dinâmica do planeta. Damo-nos conta hoje da consciência profunda de que existe uma arquitetura de**

teias e filamentos marcados por rica vitalidade, que proporcionam a relação das raízes com as árvores, formando “estruturas conjuntas de fungos e raízes micorrízicas”. Trata-se de um mundo cosmopolita sob os nossos pés. Ou seja, habitamos um mundo vitalizado. Fala-se, inclusive, de inteligência no mundo das plantas e dos fungos, na medida em que se observam “comportamentos sofisticados que nos levam a repensar o significado de ‘resolução de problemas’, ‘comunicação’, ‘tomada de decisão’, ‘aprendizado’ e ‘memória’” (Merlin Sheldrake). Será que podemos afirmar que essa percepção de um universo todo animado por vitalidade está presente na reflexão do budismo de Dôgen?

**José Carlos Michelazzo** – Sem dúvida. Esse modo de entender a Realidade como uma magnífica teia cósmica é um grande movimento de transformação do pensamento ocidental. Por outro lado, isso se dá por um processo de transformação da própria identidade do homem, ou seja, ele sai do autocentramento para o descentramento. Em outras palavras, é preciso que o homem recuse o lugar de centro epistêmico do Real, enquanto sujeito que conhece o objeto do qual está separado para se compreender como parte de um Todo.

Na filosofia, Heidegger talvez seja aquele pensador que mais contribuiu para esse processo de transformação do homem ao desconstruir a concepção moderna deste como sujeito e pensar a sua essência (*Dasein*) numa perspectiva não mais a de um “caçador” de objetos como “presas” do mundo, mas como aquele que estabelece uma relação de pertença mútua aos fenômenos do mundo. Na antropologia, vemos um interesse na busca de compreensão dos costumes e va-

lores de povos primitivos com o intuito de apreender aí seu modo de ser que primava por uma interpretação da vida humana profundamente integrada a um Todo mítico-religioso. Nas ciências modernas, como a física quântica e a biologia molecular, vemos o mesmo movimento a partir de pesquisas voltadas para o mundo pequeno. Quanto mais nos aproximamos do microcosmo, tanto no nível do átomo (mundo não senciente) quanto no nível da vida (mundo senciente), mais nos damos conta da teia do Real, onde tudo se conecta ao Todo.

Entretanto, se para nós, ocidentais, tal movimento de descentramento da identidade do homem representa uma descoberta contemporânea, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, na metade do século passado, para os orientais (indianos, chineses e japoneses), tal interpretação integrativa do Real foi sempre parte de seu profundo interesse, presente tanto em sua filosofia como na arte, religião e cultura. Na verdade, é de lá que vem grande parte da inspiração desse movimento de transformação da identidade do homem ocidental. Fritjof Capra – em seu conhecido livro publicado na metade de 1970, *O Tao da Física* – cita sentenças de dois eminentes e renomados físicos que acreditamos ser oportuno transcrevê-las aqui.

A primeira é de Niels Bohr: “Se buscamos um paralelo para a lição da teoria atômica [devemos nos voltar] para aqueles tipos de problemas epistemológicos com os quais, no passado, já se defrontaram pensadores como Buda e Lao Tsé em sua tentativa de harmonizar nossa posição como espectadores e atores no grande drama da existência”. A segunda é de Werner Heisenberg: “A grande contribuição científica que

temos de Física teórica que nos chegou do Japão desde a última guerra pode ser um indício de uma certa relação entre as ideias filosóficas presentes na tradição do Extremo Oriente e a substância filosófica da teoria quântica”.

## REALIDADE UNIFICANTE

Por conseguinte, é nesse horizonte de compreensão da Realidade unificante que também se insere o pensamento do Mestre Zen japonês Eihei Dôgen (1200-1253). Ele faz parte daqueles poucos seres humanos – chamados de Budas, Despertos, Iluminados – que alcançaram ao que é denominado de Sophia perennis, presente em todas as épocas da humanidade e que, desde os upanixades, nos falam por diversas vertentes e linguagens sobre uma Realidade Absoluta e Numinosa, que se situa para além do mundo humano fenomênico. Mas a condição fundamental para adentrar este horizonte de compreensão é a de que passemos pela experiência de descentramento, ou seja, a da perda de uma identidade egoica, ficcional e ilusória de nos interpretarmos equivocadamente como egos separados do Real, cercado de coisas em si tomadas por nós como simples objetos. Tal descentramento nos possibilitaria, como os Budas, apreender todos os acontecimentos do mundo de nossos sentidos e intelecto (dualidade relativa) – unidos e relacionados entre si numa grande e inseparável teia – enquanto expressões, aspectos e manifestações de uma Realidade última (não dualidade Absoluta). Nesta dimensão, conhecer não será mais possível uma vez que as categorias, teorias e conceitos de nosso intelecto entrarão em colapso por não mais existir aí nenhum conhecedor e, por consequência, ne-

nhum objeto a ser conhecido. Aí só podemos ser um (nada) com o Real (tudo).

Dôgen, portanto, quando fala deste Lugar – do Nirvikalpa, o âmbito do Imanifesto – suas palavras sempre nos atingem pelo viés do instigante e assustador, do provocativo e desconcertante. E isso só é possível porque ele está livre do Principium racionis da filosofia, daí suas sentenças só nos serem veiculadas por meio de paradoxos e oxímoros. Mesmo assim, ele nos fala e seu dizer se torna mais compreensível quanto mais estivermos descentrados de nossa ignorância egóica (*avidya*) – com a qual construímos nossa identidade como indivíduos, criamos as regras de nossas instituições e armazenamos o conhecimento de nossas ciências –, mais pertenceremos às “estruturas conjuntas de fungos e raízes micorrízicas”, uma vez que ocuparemos, como humanos, um lugar menos especial e mais fraterno com todos os seres sencientes e não sencientes, desde o átomo às galáxias.

**IHU – Gostaria que você dissesse algumas palavras sobre o pioneirismo de Dôgen na abordagem da “ressonância” vital no universo. Penso aqui, em particular, em dois livros do Shôbôgenzô, que tratam da voz dos vales, das formas das montanhas, bem como das montanhas e rios como sutras (*Keisei Sanshoku* e *Sansuikyô*). Ele chega a dizer que aqueles que não conseguem captar o movimento das montanhas são incapazes de perceber o movimento de si mesmo. Você capta aí uma capacidade de ampliação do olhar para ver o universo inteiro como um corpo animado?**

**José Carlos Michelazzo** – Você escolheu bem esses dois textos iniciais do Shôbôgenzô – *Keisei Sanshoku* (nº 8) e *Sansuikyô* (nº 13) – para mostrar como o Mestre



vê e experimenta os seres sencientes e não sencientes na inseparável teia da não dualidade. Todavia, Dôgen sabe que aquilo que ele vê e experimenta é muito diferente daqueles que o ouvem em seus sermões e ensinamentos. Por isso, alguém já disse que todo o *Shôbôgênzô*, com os seus 95 textos ou capítulos, não passa de uma nota de rodapé do seu grande tema: a prática do *Zazen*. Tudo o que ele vê e experimenta no âmbito do Numinoso só é possível pela *askesis*, no seu sentido grego de exercício ou treinamento prático de descondição dos padrões dualistas da mente ignorante na sua maneira de interpretar o Real.

No *Keisei Sanshoku*, Dôgen diz: “Quando você treina e pratica de verdade (*Zazen*), a voz dos riachos do vale [...] e a voz das montanhas, juntamente com as suas oitenta e quatro mil canções, serão ilimitadas. Se você mesmo não valoriza a fama ou ganho, corpo ou mente, então os córregos do vale e as montanhas serão, por sua vez, ilimitados em revelar a você Aquilo que É”. “Aquilo que É” é a expressão mais apropriada para designar a Fonte e Origem do Real: é a Natureza de Buda para o budismo, o Tao para o taoísmo e Brahman para o Advaita-Vedanta. Dôgen, portanto, nos diz que apenas quando estamos junto a essa Fonte é que podemos verdadeiramente ouvir a polifonia das vozes dos córregos e das montanhas porque apenas aí o que eles são e o que nós somos fazem parte de um único e mesmo acontecimento. Somos porque os córregos e as montanhas são e, por sua vez, estes são porque nós somos; seres não sencientes (córregos e montanhas) e seres sencientes (nós) enredados como não dois (*A-d-vaita*) acontecimentos.

## SER: PERTENCER À TEIA

No *Sansuikyô*, o Mestre confirma essa comum-pertença entre nós e as montanhas ao dizer: “Aqueles que vivem afastados das montanhas, nem as percebem nem as reconhecem [...] não as veem ou as ouvem, nem eles compreendem o que elas são. Quem quer que seja que tenha dúvidas sobre o movimento das montanhas é aquele que ainda não reconhece o seu próprio movimento. Não é que eles não seguem em frente, é que ainda não reconhecem a sua própria mudança e não esclareceram o que ela é”. Compreender o que as montanhas são só nos é possível quando reconhecermos que os movimentos, tanto os das montanhas quanto os nossos, brotam de uma única e mesma Fonte. Há uma passagem memorável neste capítulo a respeito do imbricamento ontológico quando Dôgen afirma: “De um modo geral, dizemos que as montanhas pertencem a algum país ou região, mas é aos sábios que amam as montanhas que elas realmente pertencem. Invariavelmente, quando uma montanha ama seu anfitrião, as virtudes sublimes dos santos e sábios entram na montanha. Quando aqueles que são santos e sábios habitam nas montanhas e as montanhas lhes pertencem, como resultado, as árvores crescem luxuriantes e pedregulhos abundam, os pássaros são maravilhosos [...]”.

Normalmente, vemos autores interpretarem sentenças como essas na chave de uma inusitada e criativa verve poética do Mestre Zen. É verdade e não há como negar o caráter poético de tais afirmações. Entretanto, Dôgen vai muito mais além. O que ele nos diz não é, em absoluto, algo que nasce a partir de algum gênero literário e, sim, do horizonte do Numinoso, de uma ontologia não dual que o possibilita ver e experimentar

como as coisas são, tal como são, isto é, em sua “talidade” (*Tatatha*). Nesse sentido, ser o que se é, é estar em rede, pertencer à teia. Assim, o amor dos sábios e santos pelas montanhas desperta a reciprocidade dos vários movimentos da teia como um jogo de reflexos: árvores crescem luxuriantes, pedregulhos abundam, pássaros são maravilhosos – todos reverberando em todos. Por fim, não há como não ver aqui, nessa ontologia de comum pertença, o absoluto contraste com a ontologia dualista da mente ignorante, no interior da qual saber o que uma coisa é só se torna possível pelo viés da separação e distinção, ou seja, tanto mais saberemos de uma coisa quanto mais a separarmos e definirmos os limites de seu ser em relação ao ser de outra coisa ou das demais coisas através da “faca afiada” da lógica e a recolhermos discursivamente no enunciado.

**IHU – Como estudioso de Heidegger, você percebeu no processo reflexivo desse grande pensador um encaminhamento significativo de seu pensamento para outras influências como a artística e religiosa, sobretudo tendo em vista a tradição mística (Eckhart e Silesius). Você sublinha, entretanto, que faltou a Heidegger dar o “salto” para o numinoso, vivenciado, por exemplo, por Dôgen. O que você pretendeu dizer com isso?**

**José Carlos Michelazzo** – A importância da obra de Heidegger se situa no âmbito da filosofia, por mais que ele tenha influenciado outras áreas do pensamento, como a ciência, a arte, a religião etc. Como tal, seu propósito foi provocar nela uma intensa renovação a partir do abalo da velha ontologia por meio de uma reinterpretação de duas categorias basais do pensamento filosófico, o ser e o tempo. Ou, mais especifica-

mente, ele abre uma nova concepção de ser à luz do tempo existencial, vivido, e com isso desconstrói a antiga metafísica que sustentou a filosofia e as ciências do Ocidente que, apesar de suas variações epocais (antiga, medieval, moderna e contemporânea), na sua essência permaneceram sempre a mesmas desde os gregos.

O próprio Heidegger faz questão de afirmar que o que ele pretende iniciar já não é mais filosofia – que ele a interpreta como um “negócio da *ratio*” – mas pensamento. E esta distinção era muito clara para ele, uma vez que entre episteme (filosofia/ciência) e pensamento não há passagem direta, mas apenas salto, isto é, não há entre ambos uma passagem natural que nos desse um acesso contínuo e progressivo entre as duas experiências, já que um fosso as interpõe, o que nos obriga à necessidade de saltar sobre ele. Essa distinção de experiências, segundo Heidegger, diz respeito ao fato de que o pensamento já não se guia mais de forma exclusiva dentro dos parâmetros estreitos da razão e da lógica, guiados pelos princípios de razão, de não contradição, do terceiro excluído e por uma linguagem conceitual e discursiva. E é por esse distanciamento do pensamento das amarras racionais da filosofia que o filósofo pode dialogar com maior desenvoltura e liberdade com outras áreas da experiência humana como a artística, a religiosa e até mesmo questionar os rígidos postulados das ciências, especialmente as humanas.

## HEIDEGGER E A ATRAÇÃO PELA DIMENSÃO NUMINOSA DO REAL

**T**odavia, apesar de toda contribuição gigantesca do pensamento de Heidegger para a renovação da filosofia e dar ao pensamento significados inteiramente

novos, ele é chamado de filósofo da finitude. E, como tal, pode ser considerado como um daqueles herdeiros em nossa contemporaneidade que apontou para o desmoronamento dos absolutos da tradição metafísica ocidental (morte de Deus em Nietzsche), substituindo-a pelo primado do mundo vivido (fenomenologia de Husserl). Essa herança faz com que Heidegger interprete o significado da vida do homem estritamente no interior do humano, ou seja, da existência finita: fenomênica, fáctica, temporal. Dentro deste horizonte, chega até mesmo a recunhar o significado de transcendência no interior a própria imanência da vida, contrapondo, assim, com o entendimento da metafísica da tradição que sempre interpretou a transcendência como pertencente a uma dimensão que fica “do lado de lá” do mundo sensível: o suprassensível.

Não que ele tenha negado um horizonte oculto e retraído da existência humana, uma vez que não havia nada de materialista em seu pensamento, no sentido estrito. Prova disso é o número de vezes que se refere, analisa e reflete sobre o tema do Mistério que envolve a vida do homem, suspenso sobre o abismo do nada. Tal segredo ontológico que envolve o ser do homem é o que nos faz pensar que Heidegger, com certeza, sabia dessa outra “porção” da Realidade. Afinal, ele veio da teologia, conhecia muito bem os pensadores e místicos medievais – especialmente Aquino, Scoto e Eckhart –, rascunhou a tradução de alguns capítulos do Tao Te King, de Lao Tsé, com a ajuda de um sinólogo chinês e, por fim, seu pensamento exercia uma enorme atração entre filósofos japoneses e monges zen budistas. Isso serve de prova contundente de que ele também era atraído por essa dimensão Numínosa do Real, cuja porta de acesso ele viu, mas não a abriu. Entre as pos-

síveis hipóteses para esse silêncio de Heidegger em relação à dimensão Numinosa, a mais provável era a de que não queria dar mais lenha para seus adversários que já o tomavam por um pensador religioso. Minha hipótese, entretanto, era a de que, para Heidegger, essa porta também não leva a uma passagem direta para essa outra dimensão, pois há aí, também outro abismo que precisa ser saltado – aquele que vai do pensamento para o não pensamento.

Sabemos que todas as tradições, tanto ocidentais quanto orientais, que cultivam a dimensão do Numinoso falam do caminho da *kênosis*, do esvaziamento, do desapego de nossa mente puramente humana até o seu desaparecimento para que seja preparada a sua entrega ao Absoluto. No Genjokoan, Dôgen assevera que numa das etapas mais avançadas do Caminho de Buda, o praticante deve deixar cair e abandonar o corpo e a mente para que seu acesso ao Absoluto (*Sunyata*) seja, de fato, realizado. Para chegar do lado de lá, portanto, é preciso se libertar das paixões do corpo e silenciar os pensamentos da mente. E, afinal, o que há de mais humano do que nosso corpo e nossa mente? Mas são justamente esses dois grandes pilares de nossa humanidade que devem ser entregues para que possamos ir para além do sonho de nossa identidade humana egoica, para que possamos despertar para Aquilo que verdadeiramente somos. Podemos, num certo sentido, dizer que Heidegger e Dôgen se encontram numa mesma rota de convergência na medida em que apontam para o homem a necessidade de dar o salto – sobre o abismo da alienação ou ignorância em que se encontra o homem nos limites do humano – no seu caminho de regresso a um solo mais original de sua natureza. O primeiro, aponta para um primeiro salto

que lhe permitirá libertar o pensamento da episteme; o segundo indica um segundo salto que lhe possibilitará libertar o não pensamento do pensamento.

**IHU On-Line - Os autores que trabalham hoje com o tema da virada animal e vegetal, e quiçá, de uma próxima virada mineral, fazem críticas a Heidegger, no sentido de que o pensador alemão não conseguiu alcançar as repercussões mais vivas de um pensamento radical, capaz de abraçar a riqueza da teia vital. Como você vê essa posição de Heidegger que defende a ideia de que as plantas e os animais “seriam pobres de mundo”, bem como as pedras? Dá para continuar afirmando isso hoje com tranquilidade?**

**José Carlos Michelazzo** - O grande foco de interesse presente no pensamento de Heidegger era a questão do ser (*Sein*), mas para pensá-lo era preciso primeiro pensar quem é o homem que pensa o ser. Na verdade, não era bem exatamente o homem no sentido corrente do termo – tal como é tomado no senso comum, na filosofia e nas ciências que, para Heidegger, é interpretá-lo como mero ente em meio aos demais entes –, mas ir além para apreender a essência deste ente, ou seja, o seu ser (*Dasein*). Essa dupla acepção de homem, enquanto “ente-ser”, era denominada por ele de diferença ontológica. No entanto, nesse modo de ser, o filósofo via no homem qualidades e possibilidades especiais que o distinguia dos demais entes e que dava a ele um lugar exclusivo junto ao Real.

## O SER DO HOMEM COMO *DASEIN*

Tal lugar especial, entretanto, não tem nada a ver com a concepção moderna de homem como sujeito, a partir de Descartes, como aquela figura prepotente entronizada no centro do Real sempre a apreender as coisas e os acontecimentos do mundo enquanto objetos de conhecimento e de domínio. Ao contrário, o propósito de Heidegger era justamente o de desconstruir tal concepção – e esse foi justamente o programa da primeira etapa de seu pensamento entre 1915-1930, cujo fruto foi o aparecimento de seu grande tratado de Ser e tempo. Nele, a ideia central era o de poder pensar o ser do homem como *Dasein*, para além dessa supremacia do homem sobre o mundo, à maneira do caçador sobre a caça, para apreendê-lo numa relação de um comum-pertencer (*Zusammengehören*) entre as extremidades desta relação (homem/mundo), de tal forma que o primeiro (homem) não poderia ser ele mesmo sem que o segundo (mundo) fosse também ele mesmo.

Entretanto, apesar da destronização do homem como sujeito, provocada por essa nova concepção de homem, o *Dasein* ainda conservou uma posição especial no âmbito da totalidade do Real, que nos faz lembrar a expressão bíblica do homem “como ápice da criação”. E um desses privilégios, para Heidegger, era devido ao homem ser um ente dotado de uma abertura especial com o ser na maneira como ele se relaciona com o tempo em seus três modos temporais de passado, presente e futuro. Outro privilégio era o fato do homem ser também o único ente que é “formador de mundos”, enquanto os demais não teriam essa prerrogativa, uma vez que nos reinos animal e vegetal (seres sencientes) seriam “pobres de mundo” e, no reino ma-



terial e inorgânico (seres não sencientes), seriam “ausentes de mundo”.

## NÓ CHEIO DE PONTAS ESCONDIDAS

Tudo isso parece reforçar essa “atmosfera de exclusividade” atribuída ao Dasein, deixando os demais entes relegados a reinos “inferiores”. O mais interessante é que Heidegger conhecia o trabalho dos dois importantes físicos compatriotas citados acima, Bohr e Heisenberg, chegando a trocar alguma correspondência com o último ou mesmo citá-lo em alguns escritos. Mas essa teia do microcosmo – que entrelaça todos os entes de todos os reinos, trazida a lume especialmente pela física quântica – não impressionou Heidegger por um motivo, o de que tal perspectiva iniciante da física, apesar de ser inovadora e revolucionária, ainda guardava um forte resquício da metafísica da tradição com a qual ele se confrontou ao longo de toda a sua obra.

Outra questão importante é que, apesar do empenho de Heidegger em ir além da compreensão de uma concepção dos entes fechados em si mesmos para apreendê-los sempre em conexão com a totalidade, seu pensamento permaneceu adstrito ao âmbito da dimensão fenomênica, impermanente e mutável da Realidade. Com isso, poderíamos dizer que, para Heidegger – como bom fenomenólogo que era a ponto de superar seu mestre Husserl –, os acontecimentos veiculados tanto pelo microcosmo da física quântica quanto pela dimensão do Numinoso não fazem parte do nosso campo de experiência direta, uma vez que, como seres humanos finitos, temporais e mutáveis, tais acontecimentos não seriam propriamente fenômenos no sentido da fenomenologia, mas um conjunto de hipóteses

ou construções mentais pertencentes ao refinado intelecto humano. Interessante referirmos aqui a maneira simples e espontânea de abordar as duas dimensões do Real daqueles despertos, como Nisargadatta Maharaj – um dos grandes representantes contemporâneos do Advaita-Vedanta –, para quem a totalidade fenomênica é apenas parte do Real e ainda a menos verdadeira, tal como ele diz na primeira sentença de seu conhecido *Eu sou Aquilo*: “Todo aparecimento e desaparecimento pressupõe uma mudança [fenômenos] que acontece sobre um fundo imutável [Absoluto]”.

Tudo indica que todas essas querelas que se contrapõem, que mais se parecem com um nó cheio de pontas escondidas, são tentativas de encontrar o senso de Totalidade que, para os despertos, a Ela já pertencemos no âmbito mais recôndito de nós mesmos. Infelizmente, no horizonte da dualidade ao qual pertencem todos os que ainda dormem, tal senda está interdita ou, melhor, é inexistente. Mas, como boa notícia, poderíamos acreditar que, em última instância, essas duas perspectivas – tanto a teia microcômica (física quântica) quanto o campo experiencial (fenomenologia) – em suas tentativas individuais de alcançar tal senso de Totalidade, acabam desaguando e se fundindo no âmbito do Numinoso. Na próxima questão teremos a oportunidade de nos estender um pouco mais sobre isso.

**IHU On-Line – No seu magnífico texto sobre desapego e entrega na meditação zen budista, você fala da importância do *Zazen* como prática espiritual essencial, que nos possibilita recuperar uma unidade perdida. Você fala que o sentar-se diante de uma parede envolve um processo complexo, que demanda paciência e profundidade, que vai na linha do “polir,**

**polir, polir” a parede por muito tempo, até que ela se transforme em vidro e aos poucos se estilhaça. Trata-se do processo de iluminação, que nos possibilita re-encontrar uma unidade que se perdeu. Percebo nessa experiência um exercício espiritual que nos favorece profundamente a captar a vitalidade existencial do mundo envolvente. Gostaria que dissesse algo a respeito, relacionando sua reflexão com essa perspectiva atual da percepção de um universo animado.**

**José Carlos Michelazzo** – Primeiramente precisamos contextualizar um pouco o significado das palavras *Zen* e *Zazen*. Por trás de ambas está o termo sânscrito *Dhyāna* que significa manter a mente aberta, sem apegar-se aos pensamentos que fluem livremente com o intuito de sustentar a consciência na atenção sem alterar ou oscilar a concentração. Em outras palavras, é o que de modo geral nos tempos atuais recebe o nome de meditação. *Zen*, portanto, é meditação; ao passo que *Zazen* é o sentar (*Za*) em meditação (*zen*). *Zazen*, por conseguinte, como prática fundamental e espiritual do budismo, é repetir o gesto ancestral de Siddhartha Gautama que, segundo a tradição, sentou-se sob uma árvore (Árvore Bodhi) e jurou nunca mais se levantar enquanto não tivesse encontrado a Verdade. Após quarenta e nove dias de meditação e com a idade de 35 anos, conta-se, Gautama alcançou a iluminação espiritual, tornando-se Buda, o desperto.

Para quem não sabe, na meditação da linhagem Soto Zen o praticante senta-se na almofada com as pernas cruzadas de frente para a parede da sala de meditação, ficando, assim, a poucos centímetros dela e mantendo-se imóvel. Essa postura obriga o praticante a ficar tão somente com a parede à sua frente, uma

espécie de “nada raso”, com o intuito de não o distrair com outros estímulos presentes na sala. Mas tal postura vai além disso, uma vez que nos fala de dois aspectos fundamentais da *askesis* do *Zen*.

## POLIR AO LONGO DO CAMINHO

**P**rimero, diz respeito a um esforço para acalmar a mente sempre inquieta, agitada e, especialmente, incomodada com aquela postura desconfortável – bastante incomum e estranha para os principiantes – no interior da qual ela se contorce e se rebela como expressão de recusa a ser obrigada a se desapegar da profusão de pensamentos que, por excelência, é o seu ininterrupto *modus operandi* para, no final, se entregar ao Vazio. O segundo aspecto da *ascese* é aquele de “polir, polir, polir a parede”. Claro que se trata de uma metáfora para se referir às condições necessárias do verdadeiro buscador, ou seja, dizem respeito às virtudes da sinceridade e perseverança, confiança e determinação que devem estar presentes no empenho de alcançar a meta derradeira. Esse contínuo polir, polir, ao longo do Caminho, passa por três etapas. Inicialmente, é o polir de uma parede opaca, uma vez que o buscador está no reino da dualidade: ele é uma coisa, a parede é outra. Na segunda, quando a mente já se encontra num estado de profunda quietude, a parede começa a se tornar translúcida como se transmutasse aos poucos em parede de vidro por onde perpassa alguma claridade, mas que pode voltar a ser novamente opaca caso a mente se distraia e volte à sua inquietude. Por fim, quando a quietude do praticante alcançou um amadurecimento expressivo, ele entra em *Samādhi*, que é o nível de concentração extremamente profundo e penetrante, onde

não se conserva mais a consciência de corpo-mente, e o senso de vontade ditada por uma entidade interna (ego) já não mais existe.

Nesse estado de distensão e fragilidade como um balão totalmente inflado, tudo o que se aguarda é por um gatilho, um estímulo fortuito – um bater de portas, alguém gritando, um talher caindo no chão – como a ponta de uma agulha tocando o balão prestes a explodir. “Este gatilho”, diz Nearman, o tradutor do Shôbôgenzô, “é uma forma necessária de condições externas em que alguém ou alguma coisa dá voz ao Dharma – isto é, dá expressão (que, na realidade, todas as coisas estão sempre fazendo) Àquilo que está além da dualidade – e o aprendiz, ‘ouvindo’ isso, ‘faz’ a conexão entre a Fonte desta voz e sua própria Natureza Original”. Para o Buda histórico, tal meta foi alcançada em quarenta e nove dias de “polimento”, ou seja, de perseverança em seu propósito de não deixar a meditação a não ser na condição de desperto. Para outros praticantes, todavia, alcançar a meta pode demorar meses, anos ou décadas de prática, ou então, uma única semana de retiro intensivo (*Sesshin*).

## SER ABSORVIDO PELA TOTALIDADE DO REAL

**M**as o que vem a ser, propriamente, o estilhaçamento da parede de vidro? É o momento em que o praticante acorda do profundo sono de Maya e é absorvido pela Totalidade do Real. É como se o ar aprisionado no interior do balão, ao ter suas paredes estilhaçadas, se fundisse com a totalidade do ar circundante. O que, no início do Caminho, a experiência dual do praticante lhe dizia que ele e a parede eram “dois”, agora, no seu final, sua experiência não dual

lhe diz que o interior da sala de meditação onde estão ele e parede, assim como o exterior onde está o entorno da sala – com seus corredores, as plantas, as pedras, as flores, os pássaros etc. – passam, ambos os lados, a ser “não dois”.

## DESAPEGAR-SE DOS PENSAMENTOS E ENTREGAR-SE AO VAZIO DO DESCONHECIDO

**E**ste é, por conseguinte, o segundo salto de que falávamos antes e que nos leva para o domínio do Numinoso. Do começo ao fim do Caminho trata-se, fundamentalmente, de desapegar-se dos pensamentos e entregar-se ao Vazio do desconhecido, duas atitudes que aos poucos estarão desmantelando a identidade ilusória do praticante, o seu ego. Em outras palavras, o silêncio e a quietude aos poucos vão reduzindo este tão conhecido, fortalecido e mimado administrador de si mesmo e do mundo. Sem os pensamentos ele nada é, ele perde sua existência, ele é apenas uma ficção. Assim, minúsculo, finalmente, ele é absorvido pela não dual Consciência Numinosa, reintegrando o ar do ba-lão ao Ar Original, à sua Terra natal, de onde ele parti-ra para a sua viagem de exílio e aprisionamento.

### SEGUNDO SALTO

**É**aqui, neste segundo salto, que aquelas duas pers-pectivas que nos referíamos na questão anterior – a teia microcós mica (física quântica) e o campo expe-riencial (fenomenologia) – vão se fundir no âmbito do Numinoso, tal como Dôgen nos revela através de sua experiência de desperto, e que pudemos testemunhar ao longo das poucas referências que fizemos aos seus textos do *Keisei Sanshoku* e do *Sansuikyô*. Neles, vemos

o Mestre se referindo às montanhas e à água, aos sábios e santos, às pedras e às árvores, às flores e aos pássaros, não mais como seres isolados ou simples coisas em si dispostos no mundo, uma vez que estão conectados e integrados uns nos outros através de estruturas conjuntas tanto atômicas como moleculares (física quântica e biologia molecular), nem como entes classificados como formadores de mundo, pobres de mundo ou ausentes de mundo (fenomenologia). O que ele nos revela é que ele mesmo, Dôgen, é Aquilo com todos eles, seres sencientes e não sencientes. No entanto, tal acontecimento só lhe foi possível porque toda separação e distinção e toda presunção de apreendê-los como conhecimento foi dissolvida como mera ilusão. Finalmente, aí, o Real é encontrado. Aí Dôgen já não pode mais conhecer, só pode ser um com Ele.



## José Carlos Michelazzo



**José Carlos Michelazzo.** É graduado em Filosofia pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC e em Psicologia pela Faculdade de Educação e Cultura do ABC, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. É professor de cursos de pós-graduação e especialização e psicoterapeuta em Clínica Psicoterápica, na perspectiva da Análise Existencial (*Daseinsanalyse*).



# Bicho gente

José Miguel Wisnik

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela  
Universidade de São Paulo – USP, pianista e compositor

## EIS O ARTIGO<sup>1</sup>.

Às vezes sinto um mal-estar enorme por comer carne. Compaixão pelo bicho, muito mais que por razões dietéticas. Sinto algo de tremendamente errado, “um erro no começo de tudo”, como se diz no Miguilim. Outras tantas vezes, ou mais, esqueço disso, até que o mal-estar volte. Começo a perceber também que essa questão, da qual não se falava, ganha cada vez mais corpo e intensidade. Li mesmo numa nota de jornal que Michel Temer declarou que estava tentando não comer nada “que tenha olhos”. Não é o meu filósofo, não é o meu poeta, nem o meu exemplo moral. Aliás,

---

<sup>1</sup> O artigo foi enviado pelo autor e publicado originalmente no jornal *O Globo*.

nem é o melhor exemplo, mas me soou como sintoma de um certo veganismo no ar, e usou uma expressão que me é cara, como explicarei. Paulo César de Araújo, o biógrafo de Roberto Carlos, foi uma das primeiras pessoas que eu conheci assumindo e falando disso. Já Antonio Cícero expressou o mesmo dilema que eu: o desconforto ético por praticar o contrário do que se pensa ou se sente. Estávamos na Majórica, churrascaria carioca e reduto de poetas.

*Ter olhos* foi sempre a condição ontológica que eu frisava ao tentar explicar o pensamento indígena segundo a formulação de Eduardo Viveiros de Castro: se os ocidentais pensam que são um estágio superior aos animais não humanos, os animais aparecem aos ameríndios como modalidades do humano. Bicho é gente. Tudo que olha é gente. Da perspectiva da onça, o nosso sangue é a cerveja dela. Nem sempre ela está a fim de se embriagar, enquanto desfila a sua inefável sensação de que está *tudo muito bom, tudo muito bem*. Comer e ser comido, entre bichos, são as questões cruciais da vida, não por caso estendidas, no nosso vocabulário, ao sexo. E não por caso a antropofagia está no cerne da cosmologia indígena, como um dispositivo complexo de troca-troca de lugar com o Outro. Olhar e ser olhado, tocar e ser tocado, entre bichos que somos, entre multiespécies, diz às vezes mais que todas as palavras. “E a doçura só de uns olhos conta mais que o tempo todo das estrelas” (Paulo Neves).

Eu tinha lido *A vida dos animais* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) de Coetzee, onde ele imagina uma renomada escritora, Elizabeth Costello, convidada a dar uma palestra literária em prestigiosa universidade norte-americana, que se sai com uma intem-

pestiva defesa dos direitos dos animais não humanos, uma implacável acusação à violência contra eles e uma provocativa recusa a comê-los. A conferência causa espécie, digamos assim. Coetzee explora literariamente o efeito não resolvido que resulta daí, o duplo e incômodo efeito de pertinência e impertinência dessa posição pura. Como se mimetizasse o mal-estar irresolvido a que eu me referi no começo.

Mas acabo de ler a entrevista de Donna Haraway, contida no excelente *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*, livro organizado por Maria Esther Maciel. Haraway não se recusa propriamente a comer animais nem defende que os animais não sejam mortos, diferentemente da Costello de Coetzee. A vida é *encrenca*, e o referido “erro no começo de tudo” é o seu nó trágico. Em muitos sentidos, nos devoramos – e ela dá a esse “nós” um sentido abrangente que desafia o exclusivismo do humano. Mas o que ela ataca com veemência é a insensibilidade massiva à dor do vivente explorado para fins produtivos e reprodutivos de alimento, fibra e filhotes, a redução da sua existência ao molde orgânico da gaiola em que são postos cruelmente a funcionar, em imensos laboratórios agrícolas, e a indiferença com que esses trabalhadores biológicos são mortos com sofrimento.

Se invocar contra isso valores “humanistas” soa impróprio e vão, num contexto em que o humano se mostra capaz das ofensas mais terríveis, continuadas e indiferentes à dor e ao ser-estar do outro, o conceito mais próprio que eu extrairia da fala filosoficamente assumida como feminista, de Donna Haraway, é o de *gente*. Gente é quem compartilha o ser-estar com o outro, com palavras e sem palavras, numa zona definível

e indefinível onde se trocam senhas e recados do existir. Por isso os bois de Guimarães Rosa são gente, demasiado gente, puxando os carros ou levados em tropa para o matadouro, num mundo em que a permeabilidade da vida com a vida é ainda abundante. Por isso os bichos todos em Clarice Lispector são mais gente que a gente, indefesos e nus na sua pura condição de gente.

Outras sociedades, que entendem sabiamente os bichos como gente e a gente como bichos, são incapazes do morticínio indiferente, em massa, que passa como não existindo, de viventes cuja morte é impune e não redimida pelo reconhecimento da sua existência. Não é preciso dizer que essa atrocidade é um espelho do humano, do humano quando isso deixa de ser gente.



## José Miguel Wisnik



**José Miguel Soares Wisnik.** Graduado em Letras-Português, tem mestrado e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP. Também realizou pós-doutorado e livre-docência na mesma instituição pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. É pianista e compositor, professor aposentado da USP.

Publicou, entre outros livros, *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22* (1977), *O som e o sentido: uma outra história das músicas* (1988, 2017), *Sem receita: ensaios e canções* (2004) e *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008).

# A interdependência entre os muitos humanos revelada pela literatura contemporânea. Entrevista especial com Adriana Lisboa

Adriana Lisboa

Doutora em literatura comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, romancista, poeta e contista

Os sinais de esgotamento dos modos de vidas forjados pela modernidade e a iminência cada vez mais maior do colapso climático se expressam em muitas frentes. Isso tudo coloca em causa, inclusive, categorias como o “humano” e suas derivações especistas e de gênero. “Esse momento, a meu ver, significa uma tomada de consciência, que era urgente já havia muito, acerca da nossa arrogância como espécie e o modo como outorgamos a nós mesmos o direito sobre o mundo não humano. Essa postura, conhecida como especismo, é irmã do racismo, do sexismo, da xenofobia, da homofobia e de tantas das nossas doenças éticas”, avalia a poetisa e pesquisadora Adriana Lisboa, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“O fato de a literatura e a arte que se centram numa reflexão sobre a nossa relação com as existências não humanas estarem ganhando mais visibilidade e sendo levadas a sério (até ontem poderiam ter sido recebidas como alguma espécie de reverberação new age estranhamente ultrapassada antes mesmo de amadurecer) é, na cena contemporânea, o que me traz mais alegria e esperança”, complementa.

Adriana ainda cita a rede de Indra, de uma vertente budista, para pensarmos na interdependência de todas as coisas. “No budismo mahayana existe uma alegoria muito bonita que é a da rede de Indra – no reino da divindade Indra há uma rede cravejada de joias em que cada joia reflete todas as demais. A alegoria fala da interdependência e do caráter inter-relacional de tudo”, exemplifica.

## CONFIRA A ENTREVISTA.

**IHU – Adriana, estamos vivendo hoje um momento muito bonito no mundo da literatura, de destaque para a zooliteratura e a fitoliteratura, para usar expressões que são caras a Evando Nascimento e Maria Esther Maciel. Como você vem acompanhando esse movimento?**

**Adriana Lisboa** – Esse momento, a meu ver, significa uma tomada de consciência, que era urgente já havia muito, acerca da nossa arrogância como espécie e o modo como outorgamos a nós mesmos o direito sobre o mundo não humano. Essa postura, conhecida como especismo, é irmã do racismo, do sexismo, da xenofobia, da homofobia e de tantas das nossas doenças éti-

cas. O fato de a literatura e a arte que se centram numa reflexão sobre a nossa relação com as existências não humanas estarem ganhando mais visibilidade e sendo levadas a sério (até ontem poderiam ter sido recebidas como alguma espécie de reverberação new age estranhamente ultrapassada antes mesmo de amadurecer) é, na cena contemporânea, o que me traz mais alegria e esperança.

E tem resultado em trabalhos incríveis, além de voltar o foco a trabalhos que são incríveis há muito tempo, mas que se encontravam quase que totalmente à margem. Penso por exemplo em obras de artistas ianomâmis no Masp ou na Fundação Cartier em Paris. Também existe, nesse movimento, uma recuperação das matrizes indígena e africana no Brasil, com uma outra relação com o mundo e mesmo com o mundo invisível, uma redescoberta do sagrado para lá da razão cartesiana europeia.

**IHU - Na última FLIP, realizada *on-line* em 2022, esse tema esteve no centro das atenções, com uma ampliação ainda maior para o mundo invisível dos fungos, rizomas e micorrizas. É um tema que vem congregando filósofos, biólogos, antropólogos e literatos. Você vê uma relação da poesia com essa temática mais ampla do campo relacional que move o cosmos?**

**Adriana Lisboa** - No budismo mahayana existe uma alegoria muito bonita que é a da rede de Indra - no reino da divindade Indra há uma rede cravejada de joias em que cada joia reflete todas as demais. A alegoria fala da interdependência e do caráter inter-relacional de tudo. Na verdade, para o budismo, cada ocorrência só existe enquanto origem interdependente: porque isto existe, aquilo existe; porque isto deixa de



existir, aquilo deixa de existir.

Esta é uma visão radicalmente rizomática da realidade, enunciada há dois milênios e meio, que, inclusive, remove da cena a noção de “essência”. É um lugar que a poesia muitas vezes toca, inclusive com seu reverente silêncio, como no caso de Bashô, ou com o arrebatamento místico de um Rumi. Mas na minha opinião toda grande poesia consegue em certo grau transcender o imediato, o eu, ainda que através da mais prosaica narrativa da imanência, e mergulhar a mão nesse imenso caldo que é o compartilhado/compartilhável. Por isso me parece tão irrelevante a poesia que não consegue se descolar do “cais úmido e ínfimo do eu”, para citar o verso magistral de Paulo Henriques Britto.

**IHU - No Brasil temos poetas maravilhosos, como Leonardo Fróes e Alberto Pucheu que deram um salto ainda mais decisivo, buscando viver em proximidade com a Terra. Percebo em seus poemas o cuidado de captar essa dimensão telúrica e apontar o ritmo de vida que ali pulsa e transforma a dinâmica do humano. Gostaria de ouvir você falar desses buscadores da literatura, que me fazem lembrar também nomes importantes da literatura beat.**

**Adriana Lisboa -** Tenho uma admiração profunda pelos que conseguem dar as costas ao mundo para, num certo sentido, estar mais perto dele, estar mais dentro dele. Sou fascinada pelo conceito da renúncia (a origem latina da palavra tanto quer dizer rejeitar, revogar, quanto relatar ou anunciar) e, num certo grau, essa é uma prática ética importante na minha vida – manifesta, por exemplo, no veganismo.

Viver em proximidade com a terra às vezes envol-

ve um grau de renúncia da vibração e do resplendor da cidade em troca de outra coisa, de outro tempo, mesmo. Emily Dickinson em seu jardim. Georgia O’Keeffe no deserto. John Cage em suas expedições à cata de cogumelos na mata. W. S. Merwin dedicando a vida ao reflorestamento de uma plantação exausta de abacaxis, no Havaí – cada poema um plantio e cada plantio um poema.

Mas deveríamos também mencionar os artistas e criadores que nunca saíram de perto da terra, como é o caso de muitos membros de comunidades indígenas no Brasil e em outras partes do mundo. Que estão ali desde sempre, que têm as raízes de sua identidade e de sua história profundamente plantadas nisso que alguns de nós buscam como refúgio ou como alternativa a uma vida urbana perturbadora ou insuficiente em seu excesso.

**IHU – Com relação à sua trajetória de poeta, tão celebrada no Brasil, como você expressa na sua obra esse novo sentimento de mundo? Seus poemas têm esse traço, que percebo com muita clareza...**

**Adriana Lisboa** – Fui criada entre a cidade do Rio de Janeiro (num recanto do bairro de Laranjeiras, à beira da floresta) e uma fazenda no interior do estado. Férias, para mim, eram três meses descalça trepando em goiabeira e tomando banho no rio barrento com as crianças dali. A casa da fazenda não tinha luz elétrica e os banhos eram frios se o fogão a lenha não estivesse aceso. Toda essa experiência me marcou profundamente e se manifestou desde cedo no meu trabalho de criação literária – desde os primeiros romances até os mais recentes poemas (mas mesmo antes, nas páginas dos cadernos da infância e adolescência).

Poderia citar, por exemplo, um longo poema chamado “Solastalgia”, que arremata meu livro *O vivo* (Rio de Janeiro: Editora Relicário, 2021), conjugando algumas reflexões sobre a crise climática, a proximidade de Marte da Terra, a “sobrevivência dos vaga-lumes” de Didi-Huberman e os pássaros de Odysseas Elytis, que cantariam em grego, no Paraíso, entoando “eros, eros, eros”. Ou o poema “A flor e o seu protesto”, que indaga o que será a flor para além dos significados que atribuímos a ela e dos usos que fazemos dela. Ou, ainda, “Outro vivo”, reverberando o uso que fazemos dos animais não humanos, sua coisificação.

**IHU - Sua produção literária não se resume a poesia, mas há também na sua trajetória outras bonitas formas de expressão, como na incursão pelo ensaio autobiográfico. Dou como exemplo o maravilhoso livro *Todo o tempo que existe*, que acaba de ser publicado pela Relicário. Você traz de forma tão singela o tema do luto. Poderia nos falar um pouco sobre o nascimento e realização deste livro?**

**Adriana Lisboa** - Foi um livro escrito em três semanas, no segundo semestre de 2021, após a morte do meu pai. Tendo perdido minha mãe em 2014, a perda dele tinha uma relevância enorme, essa nova constelação do pai e da mãe em mim, essa resignificação da existência deles: a busca do entendimento (ou de viver em paz com o não entendimento) da presença dessa ausência, e também da ausência dessa presença tal como eu a entendia até então.

Escrevi um poema, incluído num próximo livro ainda inédito, que diz que perder o outro dos nossos pais é como perder o primeiro de novo. Mas ao mesmo tempo não é. Reconhecemos o quintal da dor, mas tudo

é outro.

Reflexões dessa ordem são feitas ao longo desse relato autobiográfico, que é costurado pela presença de outros autores e artistas e das lembranças de longos passeios pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro nas semanas em que estive na cidade acompanhando meu pai, internado num hospital. Na capa, há uma foto de um ipê amarelo, que tirei na manhã do dia em que meu pai viria a morrer. Ao longo das últimas semanas de vida dele, conforme sua saúde se deteriorava, o ipê ia florindo e ficando cada vez mais exuberante, até esse momento de esplendor que me chamou a atenção em especial naquela manhã. Nas horas que se seguiram, os sinais vitais do meu pai foram declinando até se extinguir por completo.



## Adriana Lisboa



**A**driana Lisboa. Nasceu no Rio de Janeiro em 1970. É romancista, poeta e contista. Fez mestrado em literatura brasileira e doutorado em literatura comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Foi pesquisadora visitante no Centro Internacional de Estudos Japoneses – Nichibunken, Kyoto, e na Universidade do Novo México. Ensinou no departamento de espanhol e português na Universidade do Texas, em Austin, além de escritora residente na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

É autora, entre outros livros, dos romances: *Sinfonia em branco* (São Paulo: Alfaguara, 2013), Prêmio José Saramago; *Azul corvo* (São Paulo: Alfaguara, 2014), um dos livros do ano do jornal inglês *The Independent*; *Hanói* (São Paulo: Alfaguara, 2013), um dos livros do ano do jornal *O Globo*. Publicou também algumas obras para crianças, como *Língua de trapos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2005); prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e *Contos populares japoneses* (Rio de Janeiro: Rocco, 2008). Seus livros foram traduzidos em mais de vinte países.

# Cavar o visível para alcançar o invisível. A poesia e a redescoberta do mundo sob nossos olhos. Entrevista especial com Alberto Pucheu

Alberto Pucheu

Poeta, ensaísta e professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Se déssemos mais uma volta no parafuso da proposição de Roland Barthes de que o fascismo da língua é nos obrigar a falar, poderíamos, quiçá, chegar à provocação do poeta e pesquisador Alberto Pucheu, ao pensar sobre a natureza, que, ao fim e a ao cabo, nos obriga a observá-la.

“Ver não é uma ação do sujeito humano sobre, no caso, a natureza entendida enquanto objeto. Ver é uma ação da natureza em nós, uma violência da natureza que se impõe sobre nós, em nós, que come nos nossos olhos, que come nossos olhos, obrigando-nos a senti-la, a nos assombrarmos com ela e a sofrê-la”, propõe Pucheu, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Não se trata de a natureza nos olhar, o que já seria muito,

mas de ela nos comer, de ela comer em nossos olhos, de ela comer nossos olhos, fazendo-nos vê-la, fazendo-nos sofrê-la, fazendo-nos sorvê-la”, complementa.

É por isso, por exemplo, que o entrevistado sugere que não é a invisibilidade da natureza que o surpreende, mas o contrário. “A primeira coisa que me surpreende, antes mesmo da invisibilidade, eu diria ser a visibilidade”, afirma. Ver, neste caso, talvez implique a retirada da marginalidade de modos de viver e pensar que sempre foram excluídos do que se tende a chamar de pensamento científico. Trata-se de restituir a memória historiográfica daquilo sem o qual o Brasil não existe.

“Não há um Brasil possível sem o pensamento de indígenas e sem o pensamento de negros, sem seus modos de vida, sem suas colocações e demandas que nos colocam a todos incessantemente em questão”, provoca Pucheu. “É preciso cavar, escavar, para tornar o invisível visível”, acrescenta.

A entrevista a seguir foi realizada por Faustino Teixeira, teólogo, colaborador do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e do canal Paz Bem.

## CONFIRA A ENTREVISTA.

**IHU On-Line - Você deve ter acompanhado de alguma forma a última Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP, que ocorreu *on-line*, com um tema profundamente provocador para a Literatura, envolvendo questões que vêm do mundo animal e vegetal. Estiveram ali nomes importantes, como Stefano Man-**

**cusos, Merlin Sheldrake e Emanuelle Coccia, abordando temas instigantes. Imaginar que nós, animais, somos apenas 0,3% da biomassa, enquanto as plantas representam 85%. Como você se vê diante desse universo invisível? Qual apelo vem dali?**

**Alberto Pucheu** – Infelizmente, não vi a última FLIP, nem mesmo tinha sabido do tema da Festa. Muito obrigado pela dica. Até hoje, isso para mim se passa mais pela experiência de vida e pela poesia do que pelo estudo teórico, ainda que esteja nos meus planos ler sobre plantas. Nem sempre as questões poéticas que nos movem são as mesmas questões dos textos críticos ou teóricos. Passando uma boa parte de minha vida no Vale do Socavão<sup>1</sup>, e os últimos anos praticamente todos aqui nele, a primeira coisa que me surpreende, antes mesmo da invisibilidade, eu diria ser a visibilidade.

Primeiro, o impacto da floresta tropical, do céu, das montanhas, da terra, do sol e da chuva sobre nossos olhos, corpo, vida. Em certo momento, Manoel de Barros escreveu: “as paisagens comiam no meu olho”. Aqui fazemos essa experiência, a de que ver é ter os olhos comidos. Ver não é uma ação do sujeito humano sobre, no caso, a natureza entendida enquanto objeto. Ver é uma ação da natureza em nós, uma violência da natureza que se impõe sobre nós, em nós, que come nos nossos olhos, que come nossos olhos, obrigando-nos a senti-la, a nos assombrarmos com ela e a sofrê-la. Não se trata de a natureza nos olhar, o que já seria muito, mas de ela nos comer, de ela comer em nossos olhos, de ela comer nossos olhos, fazendo-nos vê-la, fazendo-nos sofrê-la, fazendo-nos sorvê-la.

---

<sup>1</sup> Socavão, local a que o entrevistado se refere, fica nos arredores de Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. (Nota do IHU)



Aqui, o que primeiramente sentimos não é uma individuação; nem mesmo sofremos de uma única árvore, mas sentimos um conjunto imponente, sofremos da floresta, somos impactados por uma trama incansável do múltiplo, por uma relação íntima excessiva da diversidade, por uma ramificação contínua em desdobramentos tensivos, por uma imbricação intensamente atrativa e disseminadora. A força de conjunção e a força de disjunção se impõem simultaneamente a qualquer percepção que sofremos da materialidade da floresta, da materialidade da selva, da silva. Qualquer um que tenha cavado uma vala, cavado um buraco na terra para plantar uma árvore, aberto uma cova para enterrar alguém sabe que tal entrelaçamento potente vale igualmente para o que está no solo, para as raízes que se espalham, se atravessam, misturam-se em rede, comunicam-se, amam-se, ajudam-se, disputam entre si etc. É preciso cavar, escavar, para tornar o invisível visível. É um invisível que se torna palpável, material e visível quando abrimos a terra com um enxadão, com a mão ou com o que quer que seja.

O mesmo ocorre com os fungos, os líquens, que vão se espalhando... Há muitos anos, quando uma criança me perguntou que bicho eu gostaria de ser se não fosse “gente”, não titubeei, respondendo, meio inconscientemente, de supetão: um bosque! Sim, um bosque, um vale, uma floresta, uma selva... A estatística que você oferece é a um só tempo surpreendente e evidente. É a tal história de ser preciso ser um profeta para enxergar o óbvio ululante. Não somos quase nada diante do universo, ainda que possamos destruir muito do que conhecemos da Terra – eis um de nossos paradoxos. Quanto pesa esse pinheiro aqui do lado? 2.000 quilos? 3.000 quilos? Bem, eu peso 90 quilos. Que

eu pese apenas por volta de 3% de um pinheiro é curioso, e estou falando de apenas uma árvore no meio de infinitas outras.

Tudo bem, o mundo não é o Vale do Socavão, o mundo tem inúmeras cidades e bilhões de pessoas nelas. Ainda hoje, entretanto, saindo das cidades vê-se que as bilhões de pessoas são poucas diante das árvores do mundo. Seria por ressentimento que os homens destroem as árvores e florestas? Além da visibilidade, o próprio nome Vale do Socavão traz nele uma invisibilidade a quem olha o vale à primeira vista, a quem o olha superficialmente. O que é o Socavão que nomeia a região? Que cavos são esses, que ocos são esses, que vãos são esses? Como ver o que vai por baixo, no subterrâneo, escondido, invisível a um olhar inicial? Que socos dos ocos, dos cavos, dos vãos e do invisível são esses que recebemos? Que desejo de socavão é esse? A arte da nomeação esteve presente como raras vezes em quem denominou este lugar perdido, desconhecido de quase todos. Para estender essa arte da nomeação que de fato diz algo do lugar, ao menos para mim, só a poesia parece dar conta. Escrevi muitos poemas aqui, publicados ao longo dos livros, com títulos homônimos do lugar. Deixo um:

## SOCAVÃO - UMA LIÇÃO DE NOMEAR

guimarães rosa o escreve de alguns modos:

ele fala de uma velha fazenda,  
cujá casa tinha um cômodo  
quase do tamanho dela,  
por debaixo dela,  
socavado no antro do chão



onde judiavam com pessoas,  
com escravos, até aos poucos  
matar, ele fala, por exemplo,  
que havia uma cava grande,  
onde o inimigo estava emboscado  
dos dois lados, nos socavões,  
nas paredes, ele fala, por exemplo,  
que os das socavas entornaram  
sangue-frio enquanto os demais  
se assustaram, correndo em fuga maior  
debaixo dos tiros, ele fala,  
por exemplo, que alguém estava  
socavando com ferramenta  
a fito de abrir torneiras na parede  
por onde buraco de se atirar  
durante aquela guerra sem fim,  
ele fala, ainda, que eles não saíam  
dos solapos, dando cria  
feito bichos em socavas,  
mas, por experiência do lugar,  
acrescento o que já falei,  
que no socavão tem oco, cavo,  
vão, e explico: aqueles vazios  
pelas montanhas, abertos,  
por gestão natural, por debaixo da terra,  
quando chove, vindo, a chuva  
adentra os poros dos morros,  
soca o corpo da terra, mistura-se  
a ele atravessando-o até encontrar  
seus ocos, seus cavos, seus vãos,  
até encontrar o socavão, então,

a água ali se armazena e, seguindo  
o feitiço inclinado da montanha,  
desce por ela, procurando uma brecha,  
procurando, pequena que seja, uma saída,  
pela qual forma a nascente, a fonte,  
corrigindo um tópos conhecido  
da história da poesia e da filosofia  
que diz que a fonte é metáfora de origem,  
esta topografia, entretanto, ensina  
que a fonte ou a nascente  
não é a origem, que o socavão  
é a fonte da fonte, a nascente  
da nascente... mas como não pensar  
que a água guardada em movimento  
pelo socavão, a água que possibilita  
a nascente ou a fonte, não foi brotada ali  
do nada, por geração espontânea,  
que a água guardada em movimento  
pelo socavão vem da chuva,  
e que tudo está mesmo aberto pelo meio?

Nesse estar aberto pelo meio, nesse abrir-se pelo meio, não conseguimos lidar nem mesmo com polarizações, assumindo uma confluência ou uma trama entre visibilidade e invisibilidade.

**IHU On-Line - Estamos enredados num antropocentrismo ainda bem duro e impermeável, o que dificulta muito captar a nervura do mundo real, a teia de vida que nos envolve e preside. Diversos autores vêm falando de uma cognição presente no mundo animal e vegetal, envolvendo inclusive o mundo dos fungos.**

**Estamos diante de uma singular “inteligência” e de comportamentos altamente sofisticados presentes no mundo das plantas e dos fungos. São seres capazes de “comunicação”, “tomada de decisão”, “aprendizado” e “memória”. Você, que também está mergulhado durante um tempo importante de sua vida no meio do mato, como capta essa nova perspectiva?**

**Alberto Pucheu** – Antes de mais nada, o primeiro parágrafo de um texto filosófico – para mim, o mais bonito que conheço – é o do “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral”, do Nietzsche, um texto de crítica extrema ao antropocentrismo moderno europeu – ao filósofo mesmo, ao sujeito do conhecimento – e de abertura a um pensamento outro, poético. Em uma das traduções disponíveis, de Noéli Correia de Melo Sobrinho, o texto começa assim: “No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer.” É uma passagem esplendorosa, essa, assim como todo o texto. O tempo dos humanos sobre a Terra é ínfimo. Estamos aqui há uns 250 mil anos, é isso? Os primeiros resquícios da nossa arte têm apenas uns 50 mil anos. E quanto tempo mais permaneceremos? Não estamos em um momento em que dê para sermos muito otimistas. Há quantos milhões de anos os vegetais estão sobre a Terra, mantendo, ainda hoje, a proporção de biomassa de que você falou?

Em um poema intitulado “Ela, o outro”, escrevi

que a poesia serve a um outro, que a poesia é o lugar de um outro. Contrariamente ao antropocentrismo impermeável que historicamente nos atinge e forma, contrariamente à figura do antropoceno, a poesia nos oferece uma experiência da porosidade. Com ela, nossos pensamentos aprendem e assumem a porosidade que constitui nossos corpos. A aporia da porosidade, a aporia da passagem, é a que a poesia nos oferece, uma aporia pedagógico-poética ou uma pedagogia poético-política da aporia porosa ou da porosidade aporética.

Em nossos corpos, contrariamente ao cérebro, os poros não estão parcialmente localizados nem, muito menos, constituem um centro qualquer. Os poros se espalham, dispersando-se, por todo o corpo, eles são descentralizados, eles são dispersivos, disseminados. Não fazemos poesia com o cérebro, é preciso dizer. Não fazemos poesia (é preciso dizer!) nem mesmo com o coração. É preciso passar por fora dessa dicotomia que já deu muito o que falar inclusive na poesia brasileira. Fazemos poesia, e somos feitos por ela, com os poros – por isso, poetamos com a pele, com os buracos da pele... Não poetamos – isso é certo – com apenas um órgão privilegiado do corpo; muito para além de qualquer órgão, poetamos com os poros, com os ocos, os cavos, os vãos da pele e dos corpos.

A lição da poesia é a lição do Socavão e com ambos, no pouquíssimo tempo que nos cabe de vida, incessante e, muitas vezes, arduamente aprendemos. Talvez por isso, poetamos também com os sovacos. Somos golpeados por um outro, por uma alteridade, pelo real através da pele, através dos poros, dos ocos, dos cavos, dos vãos. Pelos poros, uma alteridade nos adentra, nos invade, chegando ao sistema nervoso, ao fluxo

sanguíneo, às moléculas e, até mesmo, sim, é verdade, ao coração e ao cérebro, bem como ao baço, ao fígado, ao rim, ao pâncreas, aos nervos... O que entra, transformado, misturado com o que estava dentro, também sai pelos poros. Os poros são essas aberturas, essa aporia da passagem; a passagem enquanto essa indiscernibilidade entre o dentro e o fora. Nos poros, precisamos, certamente, de outra possibilidade que a da relação sujeito e objeto, mas também de outra possibilidade que a do engolimento, que a da apropriação do outro. Nos poros, há um desguarnecimento das fronteiras entre o dentro e o fora, uma passagem em dupla direção. O corpo respira pelos poros, e se a respiração é tão importante para a poesia, é exatamente nesse sentido poroso.

Essa é a “inteligência” da poesia, uma inteligência de poros, da respiração, do movimento, da passagem, uma inteligência esporádica. Lembro que o termo esporádico provém do que é disperso, do que se dissemina, como numa sementeira, estando o esporádico conectado, portanto, com os esporos, com as sementes, com o mundo vegetal. Se esporádico ganhou para nós uma dimensão predominantemente temporal, não podemos abrir mão de seu caráter espacial, daquilo que, espalhado, não foi ainda coletado.

Lembro que um pensamento da disseminação, por exemplo, também se refere a uma dispersão de sementes ou esporos. Sendo esporádica, a inteligência da poesia (uma inteligência dos poros aporéticos ou da aporia dos poros) é uma inteligência ao modo vegetal, ao modo das plantas, ao modo da floresta, ao modo do selvagem, ao modo do socavão. Mesmo vinda para o poema, a colheita da poesia não sai da terra.

**IHU On-Line - Vejo que a literatura vem cap-**

**tando os apelos que se irradiam do mundo animal e vegetal. Você mesmo faz alusão a isto. Qual o desafio que esse “mundo invisível” significa para a literatura?**

**Alberto Pucheu** – Em um ensaio intitulado “Que porra é essa, poesia?”, do qual um fragmento virou o vídeo “Hermes, a tartaruga e a lira” – todo filmado em dias de névoa aqui no Socavão – e ainda um poema, escrevi que, para a poesia lírica, existe uma dependência inata entre ela e o animal, a tal ponto que, não fosse este último, não haveria o canto com a lira. Há milênios, conta-nos o Hino Homérico a Hermes, que traz o mito do nascimento da poesia lírica ou mélica, que ao se deparar com uma tartaruga logo ao sair recém-nascido de sua gruta, Hermes percebeu que ela, se morta, retirada sua carne, a partir de seu casco oco, poderia ajudá-lo. A carapaça seria envolta em couro de vaca, atravessada por duas talas de cálamo, ajustadas acima por uma trave perpendicular, pela qual se estenderiam sete cordas afinadas, de tripas de ovelhas. Morta, com seu casco – a lembrar a gruta em que o deus acabara de nascer –, com o auxílio luxuoso de ao menos uma ovelha e um bovino também mortos, a tartaruga seria a primeira a auxiliá-lo, oferecendo-lhe belos cantos através de uma nova arte inventada por ele.

Ressalto que a poesia lírica vem do animal e do vegetal. Vinda a lira da tartaruga, não significa que, em algum grau, o quelônio, constituindo-a, também a possui? Sendo o casco, como a gruta, uma caixa de ressonância, já estaria nele, em algum grau, a poesia lírica ou mélica? Com a ovelha emprestando suas tripas à lira, a música já estaria, em algum grau, na ovelha com suas tripas? Com a vaca emprestando seu couro para a



lira, a música já estaria, em algum grau, na vaca? Com os cálamos (e, portanto, os vegetais) se erguendo para sustentar a vibração das cordas, a música ou a poesia já estaria, em algum grau, nos cálamos e nos vegetais? Passados todos esses séculos e milênios, é certo que a poesia não perdeu seu vínculo com os animais nem, tampouco, com os vegetais, ainda que possa ter tido alterado o modo dessa relação inata.

Em nosso tempo crítico e pós-mítico, em que – ainda – há poesia, o caminho do canto ou do poema acaba por inverter o daquele verso do hino homérico, levando o cantor a se descobrir também uma tartaruga, se descobrir também tripas de ovelha, se descobrir também couro de vaca, se descobrir também talas de cálamos, se descobrir também os vegetais de que são feitos os braços da lira. Os desafios que os animais e vegetais colocam para os poetas não são novos nem exclusivamente do nosso tempo; antes, eles constituem a materialidade da lira e o fazer da poesia desde sempre. Se a neurobiologia, por exemplo, está chegando hoje a um pensamento vegetal que para ela (e para nós, tanto ocidentais quanto modernos) é revolucionário, parece-me ser por, sabendo ela ou não, colocar-se poeticamente diante do mundo. É exatamente aí que ela terá muito a nos dizer, a dizer para a ciência e inclusive a dizer para a poesia. Imagino que Stefano Mancuso, por exemplo, só seja o cientista que é pensando essas questões, porque se interessa não exclusivamente pela ciência, mas também pela poesia, pela literatura, pelas artes visuais, porque, se a ciência finalmente chega a um pensamento animal e, agora, vegetal, esse é o ponto de partida da poesia, como pode ser lido no incomparável e maravilhoso Hino Homérico a Hermes.

**IHU On-Line – Li com grande interesse uma resenha sua sobre o livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Trata-se de um livro que traz para nós um desafio essencial, no sentido de deixar-nos habitar por cosmologias alternativas. Eduardo Viveiros de Castro escreveu no prefácio que esse livro significa “um acontecimento científico incontestável”, e que levará anos para ser compreendido e assimilado. Falou ainda, com base em Latour, que as inquietudes expressas por Davi no livro não são nada infundadas. O que dizer sobre isto?**

**Alberto Pucheu –** O Brasil é um país que barrou e segue barrando continuamente sua memória. Que memoriais da escravidão nós temos? Que memoriais da ditadura nós temos? Nossos memoriais são sobretudo as pessoas vivas. De não haver essa memória pública e coletiva provém nossa fragilidade extrema, nossa violência constitutiva, nosso racismo estrutural. Mesmo na poesia e na literatura, isso acontece. Em nossas histórias da literatura e da poesia, as tradições indígenas e negras foram total e violentamente boicotadas, como se não existissem em nosso solo. À escravidão e assassinatos das nações originárias e dos povos africanos desde a invasão dos portugueses, equivale um verdadeiro poemicídio seguido de uma escravização histórica também da cultura. Somos especialistas tanto em genocídios quanto no poemicídio e em uma espécie de logocídio, matando, junto com as pessoas, línguas, culturas, experiências e saberes.

Isso nos leva igualmente a uma destruição brutal e igualmente inconsequente do mundo selvagem, de animais e florestas. Somos criminosos da maior parte do que nos constitui; somos, a um só tempo, assassinos

e suicidas. Com o governo Bolsonaro, isso passou a se dar em um grau infinitamente pior do que o com o que estávamos – infelizmente – acostumados. Esse governo é, a um só tempo, o mais perverso e o mais criminoso, em que todos os tipos de crimes são feitos e defendidos às claras, sem qualquer subterfúgio.

O livro de Kopenawa e Bruce Albert é um acontecimento em todos os graus de uma grandeza incontesteável, para a qual, se quiséssemos nos colocar minimamente à altura dele, precisaríamos de um tempo muito vasto de dedicação a ele – precisaríamos da espessura do tempo das florestas, dos vales, de tempos outros que os urbanos a invadir inclusive os tempos urbanos. A queda do céu nos coloca diante de uma de nossas faltas fundadoras e faz aparecer essa carência que nos constitui e sua exclusão como estratégia de domínio colonizador, com consequências drásticas para nossa história e para o nosso tempo. O livro, e tudo o que ele implica – já que ele salta para fora de seus limites físicos –, coloca-se, para nós, impressionantemente, como uma fundação tardia do Brasil, como uma refundação contemporânea do Brasil ou como uma refundação, como gosto de dizer, arcaico-contemporânea do Brasil. Sua poesia é uma aposta ética e política em outro passado, em outro presente e em outro futuro, que nos favoreceria absolutamente a todos, ou a quase todos. Infelizmente, o Brasil de hoje não está nem de longe à altura de Kopenawa nem dos modos de vida indígenas de modo geral.

Há poucos dias, fui ver a nova exposição do Sebastião Salgado, Amazônia, e saí de lá, por um lado, engrandecido (ele consegue a árdua tarefa de fotografar o que é imenso com toda a imensidão) e, por ou-

tro, desolado, desolado com a pequenez que fizemos de nossas vidas. Mesmo que seja uma empreitada vã, temos de lutar, entretanto, para sair da infâmia em que estamos mergulhados e, para isso, temos muito o que aprender com Kopenawa e outros indígenas. Como você disse, escrevi um pouco sobre ele e fico agradavelmente feliz com suas palavras. Escrevi também sobre a poesia de Eliane Potiguara, de Marcia Kambeba e sobre alguns indígenas isolados. E há tudo ainda a ser escrito, pensado, aprendido, sentido, vivido, valorizado, reconstruído.

Não há um Brasil possível sem o pensamento de indígenas e sem o pensamento de negros, sem seus modos de vida, sem suas colocações e demandas que nos colocam a todos incessantemente em questão, porque, além de trazerem suas mais do que importantes tradições, fazem uma crítica inapelável à razão dos colonizadores e dos neocolonizadores de sempre, sem a qual não seguiremos adiante. Tais pensamentos incomodam pois neles – em indígenas e em negros – está a linha de fuga que podemos ter ao violento hegemônico de sempre que se impõe com suas armas estatais, econômicas e terroristas. Por isso, é muito viva a sensação de que fazer poesia é fazer política, de haver um entrelaçamento necessário entre poesia e política. Aqui no Brasil, o conascimento do movimento indígena organizado e o de sua poesia ou literatura contemporânea, escrita, mostram isso.

**IHU On-Line – Você também é estudioso de um grande buscador brasileiro, o poeta e tradutor Leonardo Fróes, que também se retirou da grande cidade e deixa-se abrigar pelo desafio das matas. Como você percebe o valor da literatura que brota de alguém que**

## captou o “caminho do campo”?

**Alberto Pucheu** – Leonardo Fróes foi um poeta importantíssimo para mim, que li e conheci nos anos 1990, quando lançou *Argumentos Invisíveis* (Rio de Janeiro: Rocco, 1995). Um livro imprescindível, que me impactou muito. Depois, quando publicou o *Vertigens* (Rio de Janeiro: Rocco, 2003), sua poesia reunida de então, cheguei a propor uma resenha para o *Prosa & Verso*, que escrevi e foi publicada. Mais ou menos na mesma época, talvez um pouco antes, também conheci, com o mesmo pasmo, o trabalho de Vicente Franz Cecim, esse poeta monumental da Amazônia, que criou Andara, uma Amazônia mítica. Anos depois, propus a resenha de *Ó Serdespanto* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006) para o mesmo *Prosa & Verso*, tendo sido então publicada.

No fim dos anos 1980, eu havia conhecido Manoel de Barros, via a belíssima entrevista na revista *Bric-a-Brac*, com quem acabei trocando cartas, entrevistando, escrevendo resenhas e ensaios sobre ele, dando conferências etc. Pois bem, esses três poetas podem ser para mim três dos poetas brasileiros que, fora os que todos conheciam, e fora o Fernando Ferreira de Loanda, de Kuala Lumpur, muito me marcaram nos anos 1990 na singularidade de escrita e de vida que eu então buscava. Lamentei por muito tempo não ter escrito longamente sobre Leonardo Fróes e sobre Vicente Franz Cecim. Talvez por isso, quando do lançamento do *Trilhas* pela Editora Azougue, fizemos o filme “Leonardo Fróes: um animal na montanha” (com Sérgio Cohn e Gabriela Capper) e, poucos anos depois, “Vicente Franz Cecim: um animal na floresta” (com Danielle Magalhães), surgindo, para mim, um novo tipo

de ensaísmo crítico no qual não falo nem escrevo – o dos documentários amadores que fiz e sigo fazendo.

Era um modo de, tornando pública minha admiração por tais poetas, suprir a minha ausência de ensaios sobre eles, escutá-los falando os poemas de que mais gosto e falando sobre suas escritas e vidas. Fiquei muito feliz com a recepção dos filmes. No caso do Leonardo Fróes, o filme foi imediatamente muito visto no YouTube, muito mesmo, milhares de visualizações em poucos dias. A sensação era que se aguardava com ansia a eclosão mais pública, ou que ela estava de algum modo represada, de um poeta como ele que, entretanto, construía sua trajetória já há algumas décadas. O jornalista Guilherme Freitas, que não conheço, viu o filme, fez uma matéria de capa no Segundo Caderno do Globo com o poeta e mencionou o filme. Depois disso, Leonardo acabou sendo escolhido o escritor do ano pelo jornal, foi convidado para ir à Flip pela primeira vez, foi convidado para a Inglaterra para um evento, acaba de sair sua poesia reunida pela Editora 34... Muita coisa finalmente aconteceu com a poesia dele, que hoje é muito mais lida do que era nos anos 1990. Se Manoel de Barros estivesse vivo, eu teria feito um filme também com ele, apesar de ter escrito e falado bastante em público sobre ele. Mas ele estaria nessa primeira trilogia audiovisual imaginada:

- 1) Leonardo Fróes: um animal na montanha;
- 2) Vicente Franz Cecim: um animal na floresta;
- 3) Manoel de Barros: um animal no pantanal (lamentando a rima em “al”).

Quanto ao Vicente, mais recentemente acabei escrevendo e publicando um ensaio sobre ele.

Mas o que une esses três poetas tão distintos entre si? Certamente, a natureza. Os poetas que mais me marcaram entre o fim dos anos 1980 e os 1990, fora os habituais de todo mundo, e fora o Fernando Ferreira de Loanda, de Kuala Lumpur, eram poetas ligados à natureza: Leonardo, às montanhas (de Secretário, Petrópolis e arredores); Vicente, à Amazônia; Manoel de Barros, ao Pantanal. Claro que são três lugares em todos os sentidos muito distintos do Brasil, como extremamente distintas são as dicções deles, os ritmos deles, as sintaxes deles, ainda que os três tragam singularidades imensas e incomparáveis na poesia brasileira. Como você fala em “o caminho do campo”, eu poderia dizer que os três são, sem dúvida, poetas ligados à natureza, mas, cada um ao seu modo, com uma poesia fortemente pensada da natureza, jamais como poetas que representam a natureza em seus poemas. São poetas pensadores da natureza e dos modos de estar do ser humano nela. Em todos, em algum grau, um ponto de dissolução do humano na natureza, uma zona qualquer de indiscernibilidade. Neles, parece-me igualmente que seus lugares, construídos em poesia, estabelecem modos de habitação poéticos do mundo. Importante dizer que os três poetas, mesmo lidando com a natureza, também moraram em cidades, viajaram pelo mundo etc. Ou seja, é preciso dizer que esses poetas ligados à natureza pensada e poetizada são igualmente poetas cosmopolitas, leitores das tradições literárias de diversas línguas, políglotas etc.

Você me faz uma pergunta muito difícil de responder: “Como você percebe o valor da literatura que brota de alguém que captou o ‘caminho do campo’?” Nos casos citados, Manoel de Barros sempre me pareceu uma espécie de pré-socrático ou, mais propria-

mente falando, de um fisiólogo (*physiólogo*) contemporâneo – um fisiólogo que adora rir e fazer rir; Vicente Franz Cecim faz uma escrita exuberante que se coloca nos interstícios entre poesia, romance, filosofia, mística, mítica...; Leonardo Fróes tem uma poesia do devir dos elementos da natureza e do humano em busca de aprendizagem constante e de um ponto de indiscernibilidade qualquer entre eles; daí, poderia falar também de uma certa mística da natureza em seus poemas.

Não gostaria de criar uma contraposição fácil entre tais poetas da natureza e outros poetas urbanos. Não gostaria de fazer isso empurrando-os a uma natureza idílica que se resguarda da experiência urbana, contrapondo-se a ela, como se tivéssemos de buscar um retorno à natureza em contraposição à destruição urbana, ainda que isso seja uma questão importantíssima a ser pensada, sobretudo no Brasil. Não gostaria de cair em tal dualidade. Como disse antes nessa entrevista, entendendo a poesia e, com ela, os poetas, pelas porosidades, pelo que aqui chamei de aporia poética da porosidade, de porosidade aporética da poesia, de aporia poético-pedagógica ou de uma pedagogia poético-política da aporia porosa ou da porosidade aporética. Independente dos modos de vida que cada um possa ter, mais ou menos urbano, mais ou menos vivendo na natureza, é a essa pedagogia poética dispersiva e descentralizada da porosidade que o poeta se entrega. Poros ou esporos, esse me parece um ponto de contato entre os poetas e os vegetais, cujos modos de percepção e de resposta que dão ao que os atingem são igualmente disseminadores. Mesmo quando na cidade.

**IHU On-Line - Quando me deparo com alguns poemas de Adelia Prado e Manoel de Barros, sinto**



**uma sensibilidade única para o mundo extra-humano. Sei que é estudioso desses poetas queridos. Você também percebe isso? Exemplifico com dois extratos tirados desses poetas:**

“A ressurreição já está sendo urdida, os tubérculos da alegria estão úmidos vão brotar sinos»

(Adélia Prado – No meio da noite)

“Para entrar em estado de árvore é preciso  
partir de torpor animal de lagarto às

3 horas da tarde, no mês de agosto.

Em 2 anos a inércia e o mato vão crescer

Em nossa boca.

Sofreremos alguma decomposição lírica até

O mato sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores”

(Manuel de Barros – no *Livro das Ignorâncias*)

**Alberto Pucheu** – Sim, o fora do humano, o que você chama de “extra-humano”, é igualmente um tema que atravessa toda a poesia e todo pensamento da poesia. Desde Platão, acerca do poeta, expressões como “eles não possuem mais o senso (*nous*)”, “o senso (*nous*) não está mais nele”, “o deus retira deles o senso (*nous*)” e “enquanto mantiver esse bem (o *nous*) todo homem é incapaz de poetar” retornam sem cessar.

Em Platão, tem esse paradoxo maravilhoso de o poeta ser visto como tendo um pensamento sem senso.

Dos poetas – e rapsodos –, é dito que são bacheuouisi, os que, celebrando os mistérios de Bacchos, são possuídos pela presença divina que os leva ao êxtase caracterizado pela mencionada perda do *nous* pessoal e humano. Em tal contexto, eles estão fora de si [*ekphron*], fora de toda e qualquer possibilidade de uma inteligência, um pensamento, uma sensibilidade, uma percepção e uma espiritualidade pessoal e centrada no homem, fora de tudo com que o homem, em sua diferença específica, recepciona o que se lhe apresenta.

Fora de si, os poetas são descentrados, excêntricos, marginais; passageiros, seus corpos recebem sua destinação do impessoal de vida em seu movimento vivificador. Enquanto poeta, o indivíduo é fendido, desapropriado, desalojado. Por isso, diz Platão, eles são leves, alados, sagrados. Com variações, possibilidades poéticas afins atravessam a modernidade. Em uma carta que traduzi, deixando a divindade de lado, Keats fala que o poeta é sem identidade, Rimbaud tem sua famosa frase “Eu é um outro”, Pessoa estabeleceu seus heterônimos, Mario de Andrade disse ser quinhentos, quinhentos e cinquenta... e por aí vão os poetas. De diversos modos, o extra-humano compõe o poético do humano que se abre àquele, que se abre à natureza, às divindades, à cidade, à política, ao povo, ao cosmos, aos astros, às coisas, a outras pessoas, a animais, a vegetais, a qualquer alteridade, a qualquer fora de si. O poeta tem muitos lugares de fala, inclusive o seu.

## VALE DO SOCAVÃO

No Socavão, o que me surpreende,  
bem antes da invisibilidade  
que você propõe como tema



da entrevista, eu diria ser  
a visibilidade, o impacto  
da floresta, do céu, das montanhas,  
da terra, do sol e da chuva  
sobre nossos olhos, corpos, vidas.

Manoel de Barros escreveu:

“as paisagens comiam no meu olho”.

No Socavão, fazemos a experiência  
de que ver é ter os olhos comidos.

Ver não é uma ação do sujeito  
humano sobre, no caso, a natureza  
entendida enquanto objeto. Ver:  
essa ação da natureza em nós,  
essa violência da natureza  
impondo-se sobre nós, comendo  
em nossos olhos, comendo  
nossos olhos, obrigando-nos  
a senti-la, a nos assombrar  
com ela, a sofrer dela. Não se trata  
nem mesmo de a natureza nos olhar  
– o que já seria muito –, mas de,  
comendo nossos olhos, ela  
nos fazer vê-la, ela nos fazer  
sorrê-la, ela nos fazer doer  
dela. No Socavão, o que sentimos  
não é uma individuação, não  
doemos aqui de uma única árvore,  
mas sentimos um conjunto



imponente, sofremos  
da floresta, somos impactados  
por uma trama incansável  
do múltiplo, por uma relação  
íntima excessiva da diversidade,  
por uma ramificação contínua  
em desdobramentos tensivos,  
por uma imbricação intensamente  
atrativa e disseminadora. A força  
de conjunção e a de disjunção  
se impõem simultaneamente  
a qualquer percepção  
da materialidade da floresta,  
da materialidade da selva,  
da silva. Qualquer um  
que tenha cavado uma vala,  
um buraco na terra para plantar  
uma árvore, aberto uma cova  
para enterrar alguém palmos  
abaixo da superfície da terra,  
sabe que tal entrelaçamento  
também vale para o que está  
no solo, para as raízes que,  
espalhando-se, se atravessam,  
misturam-se em redes, comunicam-se,  
se amam, se ajudam, disputam  
entre si. Quando se abre a terra  
com a mão, com enxadão



ou com o que quer que seja,  
é preciso cavar, escavar,  
até tornar o invisível  
visível, palpável e material.  
Há muitos anos, quando, aqui,  
uma criança me perguntou  
que bicho eu gostaria de ser  
se não fosse “gente”, não titubeei,  
respondendo, meio inconscientemente,  
de supetão: um bosque,  
um vale, uma floresta!

\*

Contrariamente ao antropocentrismo  
impermeável que historicamente  
nos atinge e forma, contrariamente  
ao nosso tempo antropoceno, a poesia  
nos oferece uma experiência  
porosa. Com ela, pensamentos  
aprendem e assumem a porosidade  
que constitui nossos corpos. Uma aporia  
da porosidade ou uma porosidade  
aporética, uma aporia da passagem  
ou uma passagem aporética,  
o que a poesia nos oferece.  
Contrariamente ao coração  
e ao cérebro, os poros  
não estão parcialmente localizados  
nem, muito menos, constituem



um centro qualquer. Eles  
se espalham, se dispersam,  
se descentralizam, disseminando-se,  
à nossa revelia, pelo corpo.  
É preciso dizer que não fazemos poesia  
com o cérebro, é preciso dizer que não  
fazemos poesia com o coração,  
é preciso passar por fora  
dessa dicotomia  
que já deu tanto  
a falar, inclusive, na poesia  
brasileira. Fazemos poesia,  
e somos feitos por ela,  
com os poros, poetamos  
com a pele, com os buracos  
da pele. Muito para além  
de qualquer víscera ou órgão  
exclusivos, poetamos  
com os ocos, os cavos e os vãos  
da pele. A lição da poesia é  
a lição do Socavão e,  
com ambos – Socavão  
e poesia –, no pouquíssimo  
tempo que nos cabe de vida,  
aprendemos. Através de milhões  
de poros, ocos, cavos e vãos  
da superfície da pele,  
pelos socavões do corpo,



somos golpeados por alteridades  
e pelo real que nos atravessam,  
nos invadem, chegando ao baço,  
ao fígado, ao rim, ao pâncreas,  
ao sistema nervoso, ao fluxo  
sanguíneo, às moléculas e,  
até mesmo, ao coração e ao cérebro,  
encontrando, então, uma saída  
qualquer. Os poros são  
uma passagem enquanto  
um desguarnecimento das fronteiras  
entre o dentro e o fora. O corpo respira  
pelos poros e, se a respiração  
é tão importante para a poesia,  
é tanto por conta dos ocos, cavos  
e vãos dos pulmões, da laringe  
e da boca quanto, sobretudo,  
por conta dos poros – eis o caminho  
aporético, poroso, da poesia. Porosas,  
a inteligência e a sensibilidade  
da poesia são esporádicas, dispersas,  
esporos ao vento em semeadura.  
Se esporádico acabou ganhando  
uma dimensão predominantemente  
temporal, não podemos abrir mão  
de seu caráter espacial, daquilo que,  
espalhado, lançando-se para germinar,  
ainda não foi coletado. Sendo esporádica,

a inteligência e a sensibilidade  
da poesia (inteligência e sensibilidade  
de poros aporéticos ou da aporia porosa)  
é inteligência ao modo vegetal, ao modo  
das plantas, das árvores, da floresta,  
ao modo do selvagem, ao modo  
do Socavão. Mesmo vinda para o poema,  
a colheita da poesia não sai da terra.





## Alberto Pucheu



**A**lberto Pucheu. Poeta, ensaísta, professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Seu livro de ensaios, intitulado *Pelo colorido, para além do cinzento; a literatura e seus entornos interventivos* (Faperj: Rio de Janeiro, 2007), recebeu o Prêmio Mário de Andrade de Ensaio Literário, da Fundação Biblioteca Nacional.

Além de ter mantido o blog “**O cuidado da poesia; poemas do e para o nosso tempo**” durante meses no site da revista **Cult** e de ter preparado um dossiê sobre poesia contemporânea para a mesma revista, **Alberto Pucheu** também tem publicado poemas e ensaios em diversos livros, periódicos acadêmicos brasileiros e em portais nacionais e internacionais de literatura, bem como em vários jornais do país e em sites específicos.

# Pesquisas em micro-habitats indicam que “somos todos parte da mesma coisa”. Entrevista especial com João Araújo

João Araújo

Doutor e curador assistente de micologia no Instituto da Universidade Estadual da Pensilvânia

“Obcecado por fungos”. É assim que João Araújo, pesquisador da Universidade Estadual da Pensilvânia, nos EUA, se intitula ao comentar seu trabalho, que consiste no estudo da diversidade e evolução dos fungos em florestas das Américas, Ásia e África, “a fim de desvendar a diversidade desses fungos”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU, ele diz que suas pesquisas em “micro-habitats” permitem perceber a inter-relação entre as espécies do planeta. “A ideia de que tudo está conectado é o primeiro passo para um entendimento melhor de que somos todos parte da mesma coisa. Mesmo em ‘micro-habitats’ da ciência, como o que trabalho (fungos associados a insetos),

quanto mais avançamos com as pesquisas, mais nos damos conta de que todas as espécies estão conectadas”.

Segundo ele, a “hegemonia antropocêntrica”, defendida durante séculos, “é uma sensação falsa e megalomaniaca do ser humano, que não se reflete no ‘mundo real’. Somos carne como qualquer outro animal e seremos prontamente digeridos pelos microrganismos, quase que imediatamente depois do corpo morrer. Essa noção eu acredito que a maioria de nós não tem”.

A entrevista a seguir foi realizada por Faustino Teixeira, teólogo, colaborador do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e do canal Paz Bem.

## CONFIRA A ENTREVISTA.

**IHU – Há estudos fundamentais vindos da biologia, da antropologia e da filosofia, como no caso das obras de Merlin Sheldrake (*A trama da vida*), Anna Tsing (*Viver nas ruínas*), Tim Ingold (*Estar vivo*), e Emanuelle Coccia (*A vida das plantas* e *Metamorfoses*). Dois desses autores participaram da última Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP, dedicada ao mundo vegetal. São estudos que indicam pistas essenciais para entender a dinâmica inter-relacional que vigora na nossa Casa Comum, que é a Terra. Como você, como pesquisador dos fungos, discerne esse novo passo da reflexão?**

**João Araújo** – Eu acho importantíssimo que esses assuntos estejam atingindo mais pessoas, principal-

mente fora da academia. A ideia de que tudo está conectado é o primeiro passo para um entendimento melhor de que somos todos parte da mesma coisa. Mesmo em “micro-habitats” da ciência, como o que trabalho (fungos associados a insetos), quanto mais avançamos com as pesquisas, mais nos damos conta de que todas as espécies estão conectadas.

**IHU – Os novos estudos relacionados ao “mundo invisível” levantam questionamentos sobre a nossa concepção de hegemonia antropocêntrica. Estamos vendo emergir nos estudos sobre fungos, por exemplo, uma singular compreensão de inteligência e cognição, na capacidade criativa, flexível e colaborativa desses fungos, “veteranos das perturbações ecológicas”, na ajuda para nossas reflexões políticas. Tem algo a dizer a respeito?**

**João Araújo –** A meu ver, essa hegemonia antropocêntrica é uma sensação falsa e megalomaniaca do ser humano, que não se reflete no mundo real. Somos carne como qualquer outro animal e seremos prontamente digeridos pelos microrganismos, quase que imediatamente depois do corpo morrer. Essa noção eu acredito que a maioria de nós não tem.

**IHU – Questões relacionadas ao psicodelismo vêm emergindo com grande potência nesse difícil tempo atual, em estudos dos fungos “fantásticos” para uso farmacológico. É o caso, por exemplo, da retomada da psilocibina. Como assinala Matthew Johnson, pesquisador da John Hopkins, os fungos psicodélicos “tiram a pessoa de sua própria história” e potencializam uma “reinicialização do sistema”, abrindo janelas para novos modos de organizar a realidade. Trata-se de algo que ocorreu em outros mo-**

**mentos do movimento da contracultura. O que isto poderia estar significando para você?**

**João Araújo** – Acredito que tratamentos envolvem do psicodélicos, como a psilocibina (extraído de cogumelos do gênero *Psilocybe*), ou LSD (originalmente extraído do fungo parasita do centeio, *Claviceps purpurea*), entre outros, são o futuro no referente a doenças comuns como ansiedade, depressão e outras disfunções. Não há como negar que essas aflições têm atingido cada vez mais pessoas e a resposta, ainda iremos descobrir, está nas florestas. Infelizmente, tem o lado do *lobby* das indústrias farmacêuticas, que não têm nenhum interesse na disseminação desse conhecimento milenar. Acredito que por isso ainda estamos presos à ideia preconceituosa de que essas terapias, ou mesmo o uso privado de psicodélicos, é coisa de “bicho grilo”. Mas acredito que em poucos anos essas terapias estejam disponíveis em maior escala, principalmente no EUA.

**IHU** – **Tenho acompanhado com interesse os trabalhos sobre os cogumelos e fungos, que agora ficaram conhecidos aqui no Brasil, com a ajuda do documentário de Paul Stamets sobre os fungos fantásticos (Netflix). Muito rico também o trabalho organizado pelo mesmo autor no livro *Fungos fantásticos*. O que esses estudos apresentam como desafio para o nosso tempo?**

**João Araújo** – A maior fronteira que esses documentários e livros estão expandindo é a de atingir um número maior de pessoas. Fomentam a popularização do assunto, que, como disse, é o primeiro passo para que o tema seja discutido e o preconceito seja vencido.

Esses documentários também ajudam na popularização da ciência e despertam o interesse e curiosidade de jovens. Esses documentários podem certamente ser o gatilho para transformar uma criança ou adolescente num pesquisador. Isso aconteceu comigo.

Já estava na Biologia para formar e sabia que iria trabalhar com fungos, provavelmente taxonomia de cogumelos. Mas, quando assisti esse vídeo, minha vida literalmente mudou.

Eu me tornei obcecado por esses fungos, que muitas vezes são capazes de manipular o comportamento do hospedeiro, tornando-os “zumbis”. O New York Times escreveu uma reportagem sobre um artigo que publiquei, há alguns anos. Aqui tem alguns detalhes interessantes sobre esses fungos (com fotos).

Bom, mencionei isso para ilustrar que um dos maiores desafios dos cientistas é atingir e impactar a sociedade, principalmente numa era onde os jovens passam a maior parte do tempo imersos em eletrônicos. Precisamos despertar o interesse das novas gerações para o mundo natural. Urgentemente. Sendo assim, esses documentários são essenciais para educar a população e cativar as pessoas, o que, no fim, levará a um melhor entendimento de que somos todos parte de uma coisa só.

**IHU - Você tem dedicado o seu trabalho ao tema dos fungos. Pode nos explicar de forma sintética o que vem estudando?**

**João Araújo** - O *link* para o artigo do New York Times que incluí acima tem detalhes e fotos desses fungos. Mas, de maneira geral, eu estudo a diversidade e evolução desses fungos. Meu trabalho inclui explo-

rar florestas do mundo todo, pelas Américas, África e Ásia, a fim de desvendar a diversidade desses fungos. Depois de coletar as amostras após semanas na floresta, voltamos ao laboratório para análises de microscopia (óptica, e eletrônica de varredura) e análises de DNA (extração de DNA, PCR e sequenciamento). Depois da aquisição de todos esses dados, fazemos análises em softwares específicos que nos dão informações sobre as relações entre as espécies e como elas evoluíram. Tenho interesse também em entender o papel dos hospedeiros nos padrões de diversificação desses fungos parasitas. Por último, também tenho explorado fungos micoparasitas, que infectam esses fungos parasitas de insetos. São os “hiperparasitas”, já que são parasitas de outro parasita. Aqui neste *link* tem um exemplo de um artigo descrevendo espécies novas.

**IHU – Como você tem acompanhado o trabalho que vem sendo realizado aqui no Brasil com os cogumelos utilizados pelos povos originários, em especial os Yanomami. Cito o caso de pesquisadores do INPA, como da bióloga Noemia Kazue Ishikawa. Qual a importância desses trabalhos?**

**João Araújo** – Esses trabalhos são essenciais. Existem várias perspectivas positivas nessas pesquisas, como o uso comercial de cogumelos selvagens (domesticação), a exploração de novas espécies, e o mais importante, a meu ver, é que eles promovem o desenvolvimento sustentável de povos originários.



## João Araújo



**J**oão Araújo é doutor e curador assistente de micologia no Instituto da Universidade Estadual da Pensilvânia, vinculado ao departamento de Ecologia Sistemática e Evolutiva de Fungos Associados a Insetos, com pesquisas orbitam em torno da taxonomia, sistemática e ecologia evolutiva. Suas abordagens metodológicas incluem ciência taxonômica fundamental com história natural, trabalho de campo, biologia evolutiva, microscopia e fotografia. Tem interesse por ilustração científica e comunicação científica através das artes.



# Escritas fúngicas. Uma ficção lítero-visual

Evando Nascimento

Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e  
professor aposentado de Teoria da Literatura na  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Por Evando Nascimento

Para Faustino Teixeira

O texto abaixo, juntamente com as imagens a ele associadas, não tem nenhuma pretensão científica. Foi livremente inspirado em minhas pesquisas sobre o universo das plantas (que resultou no livro *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*, ed. Civilização Brasileira) e sobre alguns que lhe estão associados, como o universo das micorrizas. Visualmente, não quis fazer a reprodução mimética de uma estrutura fúngica, mas produzir alguns grafismos, a partir da contemplação admirativa dessas formas descentradas e ubíquas

de existência. Trata-se então de duas fabulações: uma ficção poética e uma ficção visual.

## EIS O ARTIGO.

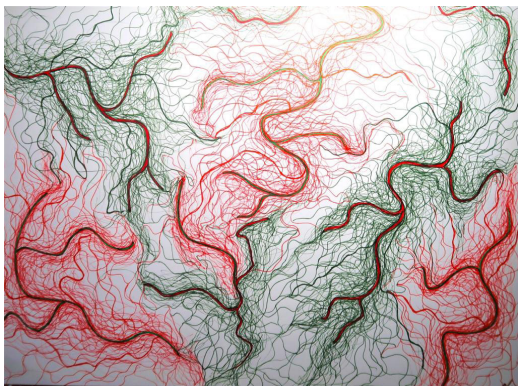
Um pequeno texto foi divulgado em meu mural no Facebook, associado à primeira das duas imagens – a data é relativa a essa divulgação. Considero as postagens nas redes sociais verdadeiras publicações, que contam inclusive com respostas imediatas de meus amigos e amigas virtuais.

## MICÉLIOS: EXCRITA INFINITA MULTIVERSA

Mais um pequeno *pró-jeto* (o que se lança para a frente): desenho-escrito bastante gráfico, feito de hifas que, juntas, formam micélios, ou seja, redes compostas por filamentos de fungos, viventes fascinantes que não são nem animais nem vegetais. Trata-se de *excrita* mais rizomática do que os próprios rizomas, por ser absolutamente descentrada, expansiva ao infinito e onipresente em todo o globo, o qual pode ser visto como uma vasta rede micélica. E não só a Terra, mas também o Sistema Solar, a Via Láctea, o Universo e até o ignoto Multiverso podem ser concebidos como uma vasta rede micélica, formada pela massa e pela energia escuras, que sustentam toda a massa e a energia visíveis. Especulo que todos os corpos multiversais são habitados por fungos, entidades vivo-mortas e hiperativas.

*As hifas são filamentos de uma escrita cursiva sem termo – tudo com que sonho desde que tomei do lápis e da caneta por volta dos quatro, cinco anos. Me reencontro, enfim, nessa excrita fúngica, amorosa pelo mundo que*

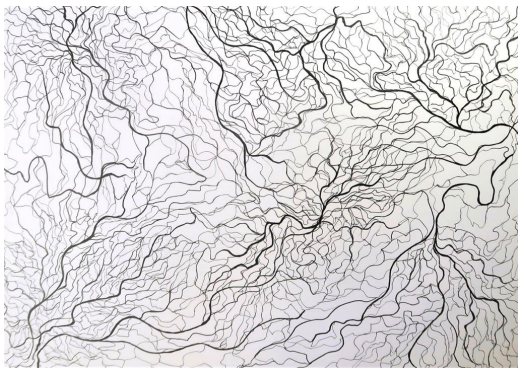
abraça e é por ele abraçado, numa ventura fugaz. (A *excrita* é uma *ex-escrita*, por se afastar da escrita alfabética, em que fomos ocidentalmente aculturados. É feita de caracteres assêmicos, ou antes, *semiassêmicos*, pois não têm significado verbal, mas são plenos de sentido.)



Anteontem, enquanto desenhava os micélios, com caneta nanquim preta na folha de papel Bristol, uma minúscula formiga igualmente preta passeava por entre as linhas de hifas. Obviamente não a esmaguei, fiquei observando e me indaguei se ela tinha consciência do território onde pisava e se conseguia divisar o traçado de minha escrita fúngica, que ali se confundia com as linhas de seu minidestino.

Depois de algum tempo, ela conseguiu sair do desenho-labirinto e prosseguiu seu rumo. Por que estava sozinha – será que se desgarrou do grupo – ou seu papel é esse mesmo, errar solitária em busca de qualquer alimento? Quanto tempo durou sua existência – um, dois dias ou apenas algumas horas?... *E, no entanto, se*

*move* – como qualquer *vivente*. Salvem as ativas formiguinhas, inclusive as saúvas, todas têm seu papel no mundo!



Fico imaginando que, se algo ou alguém puder nos observar sobre o grão de poeira no Universo chamado Terra, deve pensar as mesmas coisas, desejando ou não nos esmagar com a ponta dos dedos, como tantas vezes acontece... Não cogito num deus ou em alguma entidade antropomórfica, mas sim numa potência com poder de observação e vigilância, para a qual não passamos de pequeníssimas formigas pretas, perdidas sobre um incomensurável território.



## Evando Nascimento



**E**vando Nascimento. Professor adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora – UJF, atuando na Graduação e na Pós-graduação em Estudos Literários. Seu trabalho se desenvolve nas áreas de Filosofia, Literatura e Artes Plásticas. É graduado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, possui mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Na década de 1990, completou sua formação em Paris, onde foi aluno de Jacques Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales e de Sarah Kofman na Sorbonne.

Realizou um pós-doutorado em Filosofia, sobre Benjamin e Derrida, na Universidade Livre de Berlim. Além do livro de ensaios *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ed. Civilização Brasileira), é autor de cinco livros de ficção, o último dos quais *Diários de Vincent: impressões do estrangeiro* (ed. Circuito).



## Organizador



**Faustino Teixeira.** Possui graduação em Ciência das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutorado e pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1985 e 1998 – com supervisão de Jacques Dupuis).

Concluiu também o Estágio Sênior (CAPES) no Instituto Studi Ecumenici San Bernardino (Veneza) em 2016, trabalhando o tema da teologia do pluralismo religioso e a hospitalidade. Professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora. O seu campo de atuação acadêmica e de pesquisa relaciona-se aos temas de teologia do pluralismo religioso, diálogo inter-religioso, mística comparada das religiões, teologia e literatura.

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos





- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 54 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmam
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ïkue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan

 UNISINOS